

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
ESCOLA DE CIÊNCIAS MÉDICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

MAYARA DE PAULA LAJARA

**DINÂMICA PSÍQUICA DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2018

MAYARA DE PAULA LAJARA

**DINÂMICA PSÍQUICA DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, da Universidade Metodista de São Paulo, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia

Área de concentração: Psicologia da Saúde

Linha de Pesquisa: Saúde, Violência e Adaptação Humana

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

L146d Lajara, Mayara de Paula
Dinâmica psíquica de mulheres em situação de violência doméstica
/ Mayara de Paula Lajara. 2018.
122 f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) –Escola de
Ciências Médicas e da Saúde da Universidade Metodista de São
Paulo, São Bernardo do Campo, 2018.

Orientação de: Hilda Rosa Capelão Avoglia.

1. Violência doméstica - Mulheres 2. Dinâmica psíquica 3. Teste
das relações objetais I. Título

CDD 157.9

**DINÂMICA PSÍQUICA DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Mayara de Paula Lajara

São Bernardo do Campo/ SP

Data:

Banca Examinadora

Professora Dr^a. Hilda Rosa Capelão Avoglia
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Professora Dr^a. Miria Benincasa Gomes
Integrante Interna

Professora Dr^a. Helena Rinaldi Rosa
Integrante Externa

Aprovado em: _____

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para com meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Em especial à minha família e ao meu noivo.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Iandra Mara e Luiz Roberto, pelo suporte, dedicação, incentivo, carinho e por me proporcionarem cada vez mais a aquisição de novos caminhos na área do conhecimento pessoal e profissional.

Aos meus avós, Cedalice e Carlos Augusto, por me ensinarem a importância da preocupação com o próximo, pelo exemplo de humildade, bondade e orações.

Ao meu noivo, Daniel, pelo apoio, amor, carinho, compreensão e paciência.

Ao meu irmão, pelo exemplo de seriedade.

A Dona Vânia, Senhor Emanuel e Dona Teresinha, pela gentileza, afetividade, pelas palavras de incentivo e momentos de descontração.

Ao Jack (*in memoriam*), pelo amor incondicional e por me ensinar que não se deve desistir de nada, por mais difícil que seja.

Em especial à minha orientadora, Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia, pelas horas de empenho para que este trabalho pudesse, de fato, ser concretizado.

Aos professores, Dra. Miria Benincasa Gomes e Dr. Manuel Rezende Morgado, por comporem a banca de qualificação, e contribuírem para a melhoria do trabalho.

Às professoras, Dra. Eda Marconi, Dra. Marília Martins e Dra. Luci Praun, pela troca de conhecimento.

À coordenadora do programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Dra. Maria do Carmo Fernandes Martins, pelo seu trabalho, competência e discernimento.

À Elisângela Castro, pela atenção, força e motivação.

À Rosângela Garcia, pela assistência, disposição e receptividade.

Aos meus colegas de mestrado, pelas palavras de consolo e ajuda.

À Dra. Priscilla Angélica do Nascimento, por me proporcionar a realização deste trabalho na Defensoria Pública.

A todos que de alguma forma acreditaram e apostaram em mim.

RESUMO

Estudos sobre o tema da violência doméstica apontam que o homem e a mulher apresentam diversidades nas relações interpessoais sendo muitas das relações interpessoais consideradas conflituosas. Trata-se de um tema complexo, pois, além do homem e da mulher estarem implicados em uma relação conflituosa, a família também está envolvida. A família deveria portar um ambiente de conforto e segurança, mas em alguns casos os sentimentos de amor se revertem, dão espaço para a violência, e, conseqüentemente, contribuem para a ruptura da estrutura familiar. Diante destas considerações, esta pesquisa teve como objetivo principal descrever e analisar a estrutura e a dinâmica psíquica de mulheres em situação de violência doméstica; e, como objetivos secundários, caracterizar aspectos socioeconômicos da história pregressa das participantes. Para tanto, utilizou-se do método qualitativo, a partir dos quais foram avaliadas três mulheres em situação de violência doméstica, com idades entre 18 e 60 anos. Os instrumentos utilizados foram o Questionário Sociodemográfico, o Teste das Relações Objetais de Phillipson (TRO) e a Escala Beck de Depressão. Os resultados demonstraram que essas mulheres, em geral, apresentam mecanismos de defesa, sendo que no Sistema Tensional Inconsciente Dominante, a dinâmica da personalidade apresenta sentimentos de medo, desejos e defesas característicos das posições esquizoparanoide e depressiva. Tal dinâmica sugere a necessidade dessas mulheres serem amadas e o medo diante dos objetos maus persecutórios. Ao se observar como essas mulheres lidam com a violência de seus respectivos companheiros, através dos resultados analisados neste estudo, foi possível perceber que a separação do objeto mau lhes remete a sofrimento, culpa e medo. Devido ao medo, essas mulheres participantes tentam suportar a situação, correspondendo aos desejos do objeto odiado, aceitando inclusive ameaças de morte, como identificado nos relatos. Na Escala Beck (Depressão) observou-se que cada mulher vivencia a violência e sofre com ela de uma forma diferenciada, ficando evidente por meio dos escores obtidos pela Escala Beck, que das três mulheres avaliadas, duas não apresentam indicativos de depressão, somente uma. Observou-se, também, que a manutenção da violência ocorre, pois, nem todas destas mulheres conseguiram romper o ciclo de violência, seja por amor ao objeto odiado, por dependência ou por não perceberem alternativas a não ser a violência. Portanto, mostra-se como fundamental a realização de pesquisas nessa área, uma vez que os resultados apresentados neste trabalho permitem contribuir para com a atuação dos profissionais que trabalham junto a essa demanda, possibilitam, ainda, uma compreensão mais pertinente sobre como lidar com a violência, além de oferecer subsídios para a construção de novos espaços públicos de atendimento a essas mulheres, ampliando os serviços de apoio psicológico e social delas.

Palavras-chave: Violência Doméstica. Mulheres. Dinâmica Psíquica. Teste Das Relações Objetais (TRO).

ABSTRACT

Studies on the subject of domestic violence point out that men and women have differences in interpersonal relationships, many of them considered to be conflicting. This is a complex issue because, apart from men and women being involved in a conflictive relationship, the family is also involved. The family should have a safe and secure environment, but in some cases, the feelings of love revert, giving space to violence, contributing to the rupture of the family structure. In face of these considerations, this research has had as main objective to describe and analyze the structure and the psychic dynamics of women in situation of domestic violence; and, as secondary objectives, to characterize socioeconomic aspects of the previous history of the participants. To do so, qualitative method was used, from which three women in a situation of domestic violence, aged between 18 years and 60 years, were evaluated. The instruments used were the Sociodemographic Questionnaire, the Phillipson Object Relations Test (ORT) and the Beck Depression Scale. The results showed that these women, in general, present schizoid traits, and in the Dominant Unconscious Tension System, the personality dynamics presents feelings of fear, desire and defense, characteristics of the schizo paranoid and depressive positions. Such dynamics suggests the need to be loved and the fear of evil persecutory objects. Observing how these women deal with the violence of their respective companions, through the results analyzed in this study, it was possible to perceive that the separation of the evil object leads them to suffering, guilt and fear. Due to fear, these participating women try to endure the situation, corresponding to the desires of the hated object, even accepting death threats, as identified in the reports. In the Beck Scale (Depression), it was observed that each woman experiences and suffers from violence in a different way, being evident through the scores obtained by the Beck Scale, indicative of depression. The maintenance of violence occurs because these women can not break the cycle of violence, whether for loving the hated object, for addictedness or for not perceiving alternatives other than violence. Therefore, it is essential to carry out researches in this area, since the results presented in this study allow us to contribute with the roles of the professionals who work alongside this demand, enabling a more pertinent understanding of how to deal with violence, as well as providing subsidies for the construction of new public spaces for the care of these women, expanding the services of psychological and social support to them.

Keywords: Domestic Violence. Women. Psychic Dynamics. Object Relations Test (ORT).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características das Posições	28
Quadro 2: Interpretação do Resultado da Escala Beck de Depressão	48
Quadro 3: Teste das Relações Objetais: Conteúdo Humano, Conteúdo da Realidade e Contexto de Realidade	48
Quadro 4: Sistema Tensional Inconsciente Dominante – STID	49
Quadro 5: Caso 1- Síntese e Posição	50
Quadro 6: Interpretação do Resultado da Escala Beck de Depressão	54
Quadro 7: Teste das Relações Objetais: Conteúdo Humano, Conteúdo de Realidade e Contexto de Realidade	54
Quadro 8: Sistema Tensional Inconsciente Dominante – STID	55
Quadro 9: Caso 2- Síntese e Posição	56
Quadro 10: Interpretação do Resultado da Escala Beck de Depressão	61
Quadro 11: Teste das Relações Objetais: Conteúdo Humano, Conteúdo da Realidade e Contexto de Realidade	61
Quadro 12: Sistema Tensional Inconsciente Dominante – STDI	62
Quadro 13: Caso 3 – Síntese e Posição	63

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 INTRODUÇÃO	12
2.1 DADOS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER	12
2.2 POSIÇÃO ESQUIZOPARANOIDE	21
2.3 POSIÇÃO DEPRESSIVA	25
2.4 PSICOPATOLOGIA DAS RELAÇÕES AMOROSAS E A FAMÍLIA	28
2.5 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS	33
3 OBJETIVOS	39
3.1 OBJETIVO GERAL	39
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	39
4 MÉTODO	40
4.1 AMOSTRA	40
4.2 LOCAL	40
4.3 INSTRUMENTOS	41
4.4 PROCEDIMENTOS	42
4.4.1 Procedimento para coleta de dados.....	42
4.4.2 Procedimento para análise dos dados	44
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
5.1 APRESENTAÇÃO DOS CASOS	46
5.1.1 Caso 1 – Joana	46
5.1.1.1 Dados da entrevista	46
5.1.1.2 Análise dos dados da Escala Beck de Depressão e TRO	48
5.1.1.3 Síntese do TRO.....	50
5.1.2 Caso 2 – Maria	53
5.1.2.1 Dados da entrevista.....	53
5.1.2.2 Análise dos dados da Escala Beck de Depressão e do TRO	54
5.1.2.3 Síntese do TRO	57

5.1.3 Caso 3 – Elaine	60
5.1.3.1 Dados da entrevista	60
5.1.3.2 Análise dos dados da Escala Beck de Depressão e do TRO	61
5.1.3.3 Síntese do TRO	63
5.2 ANÁLISE CONJUNTA DOS CASOS	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	79
ANEXOS	105

1 APRESENTAÇÃO

O interesse em descrever e analisar a estrutura e a dinâmica psíquica de mulheres em situação de violência doméstica partiu de uma experiência relacionada a um estágio de Psicologia realizado em uma Delegacia de Mulher, de uma cidade do interior de Minas Gerais.

Fiquei surpreendida com as denúncias realizadas por essas mulheres, a forma como chegavam à delegacia relatando a violência sofrida pelo companheiro, além de demonstrarem o quão angustiante era suportar todo esse sofrimento.

Na procura por entender o universo da violência doméstica, deparei com a história de Maria da Penha. Sua história traz seu sofrimento com a violência doméstica perpetrada pelo ex-marido, e a busca pela condenação dele, após sucessivas agressões e duas tentativas de homicídio. Violência essa que se apresenta como um problema de saúde pública no Brasil, a qual acompanha várias gerações e cujo estudo vem despertando interesse em vários campos profissionais.

De acordo com a Lei Maria da Penha, os subtipos de violência contra a mulher, classificam-se em: violência patrimonial, violência sexual, violência física, violência moral e violência psicológica. A partir desse pressuposto, Maria da Penha (Lei 11.340/2006), propõe: “O objetivo da Lei Maria da Penha, através da família, da sociedade e do Poder Público, é educar, prevenir, levar informações às pessoas”.

Incomodada pela ideia de que a violência doméstica contra a mulher ainda permanece, já que na maioria das vezes as configurações de um relacionamento podem não ser saudáveis entre parceiros, percebi a necessidade em descrever e analisar a estrutura e a dinâmica psíquica de mulheres em situação de violência doméstica.

A partir de pesquisas realizadas acerca do assunto, obtive acesso ao trabalho de Oliveira e Silva (2015), no qual as autoras realizaram revisões para compreender com profundidade as experiências das mulheres, no período de 2009 a 2013, verificando o quanto são escassos os trabalhos nacionais que abordam esse tema.

Apenas três estudos estavam relacionados ao assunto e todas as produções localizadas eram artigos científicos, não houve registro de capítulos de livros, dissertações ou teses.

As autoras verificaram que “é necessário abordar a violência doméstica com compromisso político, de promover a saúde das mulheres, de dar maior visibilidade à problemática e de planejar políticas públicas que modifiquem a realidade evidenciada” (p. 3530). A partir dessa constatação realizada pelas pesquisadoras, minha motivação em pesquisar esse tema cresceu ainda mais, em especial quando se trata do estudo da estrutura e dinâmica psíquica das mulheres.

Esse trabalho possui como objetivos descrever e analisar a estrutura e a dinâmica psíquica de mulheres em situação de violência doméstica e, por fim, caracterizar a amostra por meio de um questionário sociodemográfico e da história pregressa das participantes.

2 INTRODUÇÃO

2.1 DADOS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

A partir de estudos sobre o tema da violência doméstica, pode-se perceber que o homem e a mulher possuem suas diversidades e que muitas delas são conflituosas. Trata-se de um tema complexo, pois, além do homem e da mulher estarem implicados em uma relação conflituosa, a família também está envolvida. De acordo com Borges, Sá e Werlang (2009), a família, que devia ser um ambiente acolhedor e de conforto, onde deveria haver tolerância, empatia e compreensão, torna-se um lugar onde os sentimentos se revertem, onde as violências ocorrem, o que contribui para com a ruptura e a destruição da estrutura familiar.

No entanto, é importante esclarecer que este trabalho visa abordar a violência doméstica contra a mulher, com o intuito de ajudar a compreender a estrutura e dinâmica psíquica das mulheres. Sendo assim, o trabalho abordará alguns conceitos que envolvem o termo de violência contra a mulher, assim como, alguns conceitos de acordo com a teoria de Melanie Klein.

O termo “violência contra a mulher” é definido como qualquer tipo de abuso físico, sexual ou emocional, dirigido de um parceiro contra o outro, sendo de um relacionamento passado ou atual. A violência contra a mulher pode receber como conceito qualquer ato que traga algum prejuízo à mulher, sendo físico, sexual ou psicológico (Kronbaue & Meneghel, 2005; Zilberman & Blume, 2005).

Já a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) define a “violência como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”.

O termo “violência de gênero” é muitas vezes usado como sinônimo de violência contra a mulher, violência doméstica e violência familiar. Para Khouri (2011), a violência de gênero é caracterizada pela incidência de atos violentos em função do gênero ao qual pertencem às pessoas envolvidas, podendo ser homem ou mulher, no entanto, geralmente as mulheres são as mais afetadas pela violência.

A violência de gênero diz respeito às atitudes ou circunstâncias das pessoas que submetem de forma física e/ ou emocional, podendo ser de forma explícita ou velada. (Strey & Werba, 2012). No momento em que se discutem as relações gênero e violência, abre-se uma reflexão sobre as relações desiguais entre os gêneros que aceitam a violência como uma relação de força, modificando as diferenças sexuais em relações hierárquicas (Affonso, 2008).

Apesar dos termos “gênero” e “sexo” serem utilizados como sinônimo, estes possuem conceitos diferentes. Sexo se refere às características físicas, biológicas, anatômicas de homens e mulheres, enquanto o conceito da palavra gênero é mais subjetivo, envolve um conjunto de características psicológicas (comportamentos, atitudes, sentimentos, valores, crenças) sociais e culturais, que, juntamente com o sexo biológico, são considerados característicos dos sujeitos de um determinado sexo (Affonso, 2008).

A violência doméstica relaciona-se a um tipo de violência direcionada a membros de um grupo, por não existir função parental, mas que conviva no mesmo espaço doméstico (Narvaz & Koller, 2006). A violência doméstica e a violência familiar referem-se a um espaço comum onde acontecem os atos violentos, e ao tipo de relacionamento estabelecido entre os indivíduos envolvidos no fenômeno. Dessa forma, a violência pode ser deferida a outras pessoas que não sejam as mulheres ou companheiras de homens agressores (Nardi, 2011).

Com relação a sua prevalência, a violência doméstica tem sido considerada um problema de saúde pública (Waiselfiz, 2012). Além disso, a violência é um crime grave que viola os direitos humanos e, que afeta milhares de brasileiras. Somente no primeiro semestre de 2016 houve um total de 67.962 ocorrências, sendo 51,06% correspondente à violência física; 31,10% à psicológica; 6,51% à moral; 4,86% ao cárcere privado e 4,30% à violência sexual (Compromisso e Atitude, 2016).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), estima-se que a violência contra as mulheres represente 2% do produto interno bruto global, ou cerca de 1,5 trilhões de dólares (ONU, 2017). As estatísticas apontam que 72% das agressões são realizadas pelo parceiro íntimo, e de cada cinco mulheres jovens, três já foram agredidas durante o relacionamento (Compromisso e Atitude, 2016). O maior registro de atos violentos ocorridos foi para relatar a violência física, que varia de lesão corporal leve, grave, gravíssima, e pode chegar à tentativa de homicídio e homicídio consumado (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2017).

Nos dois últimos anos, o número de mulheres vítimas de violência aumentou de 18% para 29%. Desde 2005, esse percentual se manteve estável, entre 15% e 19%. De acordo com a Data Senado (2017), esse índice saltou de 56% em 2015, para 71% em 2017. Em um artigo produzido por Oliveira e Silva (2015) constatou-se que, entre os anos de 2009 a 2012, no Distrito Federal, foram identificados 1.924 casos suspeitos ou confirmados de violência doméstica contra mulheres, cujas faixas etárias compreendem um intervalo de 18 a 59 anos, houve um crescimento no número de denúncias, com exceção no ano de 2010 que se observou uma ligeira queda em relação ao ano de 2009. Quanto à condição conjugal dessas mulheres houve um predomínio da categoria solteira (32,5%), seguida da casada ou em união consensual (26,3%). Na maior parte dos registros (63,6%) as mulheres violentadas possuíam escolaridade. Um quarto das mulheres (25%) denominou-se de cor parda e 18,2% brancas.

Em 2013, foram registrados 4.762 homicídios de mulheres, sendo que 50,3% foram cometidos por familiares, além disso, na maioria desses crimes (33,2%) os autores foram parceiros ou ex-parceiros. De cada sete feminicídios, quatro foram praticados por pessoas que tiveram ou tinham relações íntimas de afeto com a mulher (Estado de São Paulo, 2016).

A situação é mais complicada ainda, quando envolve violência em relação às mulheres negras. O número de mortes aumentou 54% em dez anos, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013 (Estado de São Paulo, 2016).

Nos primeiros dez meses de 2015, foram 63.090 denúncias contra a mulher, o que corresponde a um relato a cada sete minutos no País. Quase metade dos registros (49,82%) corresponde ao número de violência física e 58,55% foram relatos de violência contra mulheres negras (Estado de São Paulo, 2016).

No primeiro semestre de 2016, comparado ao ano de 2015, houve um crescimento de 133% no volume de relatos de violência contra a mulher. Somente no primeiro semestre de 2016 foram aproximadamente 58 mil registros de violência doméstica (Vasconcellos, 2017).

O país considerado como um todo apresenta dezoito municípios com taxas superiores a 400 relatos de violência contra a mulher para cada 100 mil mulheres. Portanto, em números absolutos, os maiores volumes de ligações realizadas foram das cidades do Rio de Janeiro (5.482), seguida de São Paulo (4.537) e Brasília (2.317) (Vasconcellos, 2017).

Pesquisa realizada pelo Instituto Avon (2009), com mulheres vítimas de violência doméstica, mostrou que 24% afirmam não abandonar o marido/companheiro devido à falta de condições econômicas, 23% alegaram preocupação com filhos, 17% delas possuem medo de serem mortas caso decidisse pela separação, 12% reconhecem que há falta de autoestima, 8% vergonha em assumir serem vítimas de violência, 6% vergonha em optar pela separação e 4% porque acreditam que têm a obrigação de manter o casamento.

Sendo assim, dedicando aos estudos sobre a violência doméstica contra a mulher, chamou à atenção desta pesquisadora a necessidade de conhecer e entender o cenário da violência, pois, trata-se de um fenômeno pluricausal, não se pode, pois, compreender sua origem a partir de um só fator. É necessário também observar, e estudar os aspectos individuais, psicológicos, biológicos, assim como os componentes familiares, além dos fatores culturais, sociais e econômicos.

De acordo com Oliveira e Rangel (2010), a violência contra a mulher, em todas as suas manifestações, está presente na humanidade, variando em seus graus de acordo com o contexto social no qual homens e mulheres estão inseridos e no modo como estão presentes em suas vidas. Contudo, atos e ações violentos podem ser percebidos de formas diferentes, devido à diversidade cultural.

Dessa forma, deve-se observar como, ao longo dos anos, os papéis entre homens e mulheres são definidos e tratados pela cultura. O papel do homem e da mulher são constituídos culturalmente e se transformam de acordo com a sociedade e o tempo. Esse papel já existe desde quando o bebê está na barriga da mãe, de acordo com a expectativa da família que já pensa em montar o enxoval de acordo com o sexo da criança. Posteriormente, ao nascer, o sexo é a primeira coisa a ser identificada. Sendo assim, o menino ou a menina começará a receber mensagens da sociedade de acordo com o que é esperado pelo seu sexo (Cabral & Diaz, 1999).

A brincadeira, tanto para o menino, quanto para a menina, imita sua realidade. Por isso, é compreensível como ao longo dos anos, as brincadeiras davam conta de atribuir e dividir papéis específicos a homens e mulheres, menino e meninas. Na história da humanidade, a divisão de papéis entre os gêneros, sempre foi marcante. Atualmente, percebe-se que há uma diferenciação entre as brincadeiras de meninos e meninas. Os brinquedos que eram considerados somente para meninos, são utilizados para as brincadeiras de meninas e

vice-versa. O que difere é como as pessoas lidam com a escolha da criança no momento em que são escolhidos. O que antes era taxado de brincadeiras somente para meninos ou meninas ganhou outro sentido (Mayara de Paula Lajara).

A divisão sexual do trabalho diz respeito àquela mulher que além de dedicar o seu tempo para o lar, filhos e ao ambiente doméstico, dedica-se também ao emprego ou trabalho assalariado. Essa situação tem sido cada vez mais frequente, pois, a mulher que antes permanecia em casa para exercer os cuidados necessários ao filho recém-nascido, agora possui dupla jornada de trabalho. Além dessa dupla função, e do preconceito que ainda impera sobre a mulher por possuir sua própria independência, essa divisão sexual do trabalho tem culminado na disparidade de que as mulheres ganham menos que os homens em alguns campos profissionais, reduzindo a possibilidade de elas obterem um campo de trabalho melhor, propício a melhores salários. Sem contar o prejuízo com que essas mulheres se deparam ao se separarem dos filhos, no momento em que precisam deixá-los para trabalhar (Cabral & Diaz, 1999).

Com relação ao eixo da cidadania, embora uma grande proporção de mulheres trabalhe e muitas delas sejam a fonte de sustento da família, isto não tem repercutido no maior desenvolvimento e reconhecimento de sua cidadania. Nos países da América Latina, incluindo o Brasil, os dados mostram que existe uma grande diferença entre homens e mulheres e que a falta de equidade é prejudicial a elas. De uma forma geral, é muito difícil ter mulheres ocupando cargos altos, devido ao fato de o trabalho reprodutivo (casa e filhos) para a mulher, criar condições que a separam do espaço privado, delegando ainda mais ao homem o trabalho produtivo e as decisões da sociedade (Cabral & Diaz, 1999).

Essa relação de poder entre os gêneros, este perdura até hoje, embora muitos aspectos tenham sofrido modificações no decorrer dos anos. Até hoje, a sociedade carrega a ideia de

que a mulher deve permanecer restrita ao espaço privado, doméstico, cuidando dos afazeres domésticos, da casa e dos filhos (Cabral & Diaz, 1999).

Em relação às diferenças entre os gêneros, que acompanha várias gerações, existe o sentimento de que a mulher é inferior ao homem e que ele pode decidir o que é melhor para ela, nesse sentido, a violência ganha espaço, como explicam Cabral e Diaz (1999). Espaço que dá margem para pensar até nas diferenças biológicas existentes entre o homem e a mulher. E a partir dessas diferenças é que os papéis sociais também se diferenciavam. Nos primórdios das sociedades, essa divisão não apresentava nenhuma hierarquia. A sociedade privada não existia e todos trabalhavam e produziam o que precisavam para sobreviver, cada um exercia uma tarefa diferente, mas que se complementavam para a comunidade, conforme os referidos autores.

Assim, surge a ideia de família, na forma como é conhecida atualmente, ou seja, a família nuclear, composta por um homem, uma mulher e seus filhos. Como a maternidade era evidente, para certificar a paternidade, só havia uma forma: manter a mulher na esfera privada como certeza de garantir sua monogamia e permitir somente ao homem a participação na esfera pública (Cabral & Diaz, 1999).

Segundo os citados autores, para a mulher permanecer nessa situação não foi fácil, houve muita opressão para que a sociedade aceitasse essa forma de viver. O homem precisava exercer o poder sobre a mulher, ditar como seria a vida feminina, sempre enfatizando que a mulher era inferior e, por se inferior, precisava aceitar essa realidade de ser dirigida por um homem que sabia o que era melhor para ela.

Como existe uma dinâmica da violência, o homem acredita possuir direitos de decisão sobre o comportamento e a sexualidade da mulher. Diniz e Gomes (2008) abordam a questão e consideram que a partir do momento em que o homem se sente ameaçado pela sua companheira, ele utiliza de meios para controlá-la. Age dessa forma, com a intenção de

restabelecer seu poder sobre a mulher, e tem como estratégia usar e abusar da força física. Os homens mostram, ainda, as diversas formas estabelecer seu poder sobre as mulheres, são: escolhas de amizades, vestimenta e trabalho, utilização da mulher para ter satisfação sexual e também a agressão verbal e física (Diniz & Gomes, 2008).

Segundo informações obtidas pela psicóloga Linda Papadoulos, a exposição excessiva do apelo sexual na mídia, televisão e internet influencia a violência doméstica contra a mulher, reforça, também, a ideia de que a mulher é um objeto de desejo masculino, inferiorizado (Portal Imprensa, 2010).

A violência doméstica perpetrada por parceiro íntimo, seja de natureza física, sexual ou psicológica, é um grave problema, que ocorre em todas as esferas sociais e se torna comum na vida do casal. As questões direcionadas à dinâmica da violência resultam em desigualdades de autonomia, de posições e de direitos (Lima, Wassermann, & Zancan, 2013).

Os atos de agressão contra a mulher ultrapassam questões subjetivas e estão permeados por questões políticas, culturais e de ordem social (Baldo, Biffi, João & Leôncio, 2008).

Estudo realizado por Ferraz, Labronici, Marcovicz, Madureira, Mantovani e Raimondo (2014) retrata que os homens que agrediam suas mulheres faziam uso de álcool ou drogas e apontam também que o risco de ocorrer novamente a violência doméstica é alto, em especial se estiverem sobre o efeito de substâncias entorpecentes. O risco da mulher sofrer violência aumentou em 59% nos casos em que o companheiro faz uso frequente de álcool. O consumo de álcool ou drogas pode desencadear comportamentos violentos, contribuindo para ocorrência de desentendimentos entre o casal, além de aumentar a probabilidade da violência ocorrer.

Além do uso de álcool e drogas por parte do parceiro, o ciúme também é um fator que contribui para a violência. O ciúme provoca aumento da tensão entre o casal, demonstra um caráter de dominação e posse. Quando os homens estão alcoolizados, muitas vezes, as

mulheres não os denunciam por considerá-los outra pessoa naquele momento. Outro fator associado à violência doméstica contra a mulher diz respeito ao ambiente familiar com histórico de violência presenciada ou sofrida durante a infância, o que permite a entrada do comportamento violento do parceiro. Constata-se que padrões violentos na família, se não forem cessados, poderão se repetir em outras gerações (Lima, Wassermann & Zancan, 2013).

Enquanto os homens fazem uso de substâncias psicoativas, que os tornam valentes ao ponto de violentarem suas companheiras, estas, para suportarem a violência dos maridos, a ansiedade, a sensação de impotência e outros sentimentos negativos, recorrem ao uso de medicamentos (Boing, Coelho & Oliveira, 2009).

Para as mulheres que sofrem com a violência dos seus parceiros, e de certa forma escolhem não denunciar seus companheiros, à medida que o ciclo de violência se perpetua, as consequências psicológicas da violência podem ser percebidas, através dos seguintes sintomas: mudança de comportamento, como a depressão, solidão, tristeza, desamparo, irritação, baixa autoestima, baixa autoconfiança, taquicardia, insônia, hipertensão, palpitação, dores de cabeça, doenças gastrointestinais e doenças crônicas. Devido aos maus tratos sofridos, a violência doméstica traz sérias consequências, não só para as mulheres agredidas, como também ao sistema de saúde (Cabral, 2008).

Todos os efeitos experimentados pela mulher em decorrência da violência sofrida colaboram para o surgimento da “Síndrome da Mulher Maltratada.” Essa síndrome procura explicar o porquê das mulheres, em situação de violência, não perceberem que, para os problemas enfrentados, existem alternativas que as protegem dos maus-tratos sofridos pelo parceiro. Mas o que parece, é que as mulheres se acostumam com essa situação de serem violentadas, e criam habilidades para aceitar a situação (Walker, 1989).

Portanto, o sofrimento das mulheres traz grandes consequências para a saúde física e mental, podendo ser responsável pelo surgimento não somente da depressão, mas também das

fobias. Mulheres que sofrem violência possuem dificuldades em cuidar de si, procurar emprego, estudar, viver de forma saudável e de ter sua autonomia (Cabral, 2008).

Entretanto, é válido esclarecer que esta pesquisa busca compreender os aspectos sociais, culturais, econômicos, além de descrever e analisar a estrutura e a dinâmica psíquica de mulheres em situação de violência doméstica, assim como ações de enfrentamento do problema.

2.2 POSIÇÃO ESQUIZOPARANOIDE

O bebê, desde o início da vida, experimenta ansiedades advindas do meio interno e externo. A dor e o desconforto sentidos por ele, logo ao nascer, assim como a perda do estado intrauterino, são sentidos como uma agressão acarretada por forças persecutórias. Desde o início, a ansiedade persecutória participa das relações de objeto do bebê, na medida em que está exposto a privações. A luta entre os instintos de vida e de morte estão presentes no nascimento e aumenta a ansiedade persecutória (Klein, 1952/1986).

A primeira sensação de ansiedade, ocasionada pelo nascimento, pode ser observada em outras situações, em especial, quando a criança não é atendida em suas necessidades vitais, experimentando os sentimentos de desconforto e mal-estar. Como um ciclo, ela sente novamente a sensação de desprazer que a domina (Silva, 2006).

A relação do bebê com a mãe, a priori, é uma relação objetal parcial, os impulsos oral-libidinal e oral-destrutivos estão direcionados ao seio materno (Klein, 1952/1986).

O frágil ego do bebê espera retaliações pelas agressões sofridas e, na fantasia, espera poder destruí-lo. O bebê realiza a reintrojeção dos objetos maus e tem a sensação de que seu corpo, seu self ou ego será destruído. Como o superego é arcaico, proporciona a culpa, deixa o ego sentir que os ataques realizados na fantasia podem voltar-se a si próprio. A proporção

do medo é a mesma vontade de aniquilar o objeto. Sendo assim, surge, no caso do recém-nascido, a voracidade, cuja tendência oral é consumir, devorar e introduzir em seu corpo o objeto, o seio da mãe. Assim, os sentimentos de frustração e os impulsos agressivos, são reforçados, quanto mais a agressividade é projetada, mais temeroso o ego ficará da retaliação (Silva, 2006).

Dessa forma, tanto o ego quanto o superego, surgem numa fase muito remota do desenvolvimento, mais precisamente nas primeiras relações de objeto. “O superego, situado no começo da vida, desde a primeira incorporação objetal, é que vai moldar, pelo interjogo dos processos de projeção e introjeção, o estilo das relações objetais” (Simon, 1986, p. 49).

O superego é bem rígido e inflexível, mas o medo da retaliação é maior no início da vida. As primeiras experiências do bebê estão inundadas por sua fantasia, na qual há distorção na percepção do objeto. Já existem a culpa e o ressentimento, mesmo sendo transitórios, a integração do ego e a percepção do objeto que é atacado é o mesmo que ele ama. A instância que age como protetor do objeto parcial bom auxilia na integração do ego, impede que os ataques sádicos sejam muito severos e que os objetos parciais bons sejam destruídos (Silva, 2006).

A divisão do ego ocorre por haver uma ligação com o objeto ideal. A intenção é mantê-lo afastado do objeto perseguidor e torná-lo impermeável ao mal. Se a perseguição é muito intensa para ser suportada, ela pode acabar sendo negada. Se a negação ocorre, esta toma como base a fantasia de total aniquilação dos perseguidores. A negação onipotente pode ser usada contra a perseguição e a idealização do objeto perseguidor, que é tratado como objeto pseudo-ideal.

Segal (1975, p. 37) complementa:

A fantasia do objeto ideal funde-se com as experiências gratificantes de amor e alimentação recebidas da mãe externa real, e é confirmada por essas experiências, ao passo que a fantasia de perseguição funde-se, de modo semelhante, com experiências reais de privação e sofrimento, as quais são atribuídas pelo bebê aos objetos persecutórios.

Devido à ansiedade de aniquilação, o ego encontra vários mecanismos de defesa, sendo provavelmente o primeiro um uso defensivo da introjeção e projeção. O ego procura introjetar o objeto bom e projetar o objeto mau. Portanto, em situações de ansiedade, a divisão é ampliada e a projeção e introjeção são usadas para manter os objetos perseguidores e ideais distantes dos outros, desde que mantidos seu controle. A situação pode se reverter e os perseguidores podem ser expelidos, produzindo sentimentos de ameaça no exterior ou de natureza hipocondríaca (Segal, 1964/1973).

Como as experiências do bebê comportam certa dualidade, quando a mãe acolhe o bebê e lhe fornece alimento, a sensação de prazer é estimulada em seu corpo, desfazendo o desprazer inicial. Sabe-se que “as primeiras experiências do bebê com a alimentação e presença da mãe iniciam uma relação de objeto com ela” (Klein, 1952/1991, p. 87).

Os cuidados proporcionados pela mãe oferecem confiança no filho, devido ao bem-estar que geram, além de contribuir para com o desenvolvimento emocional do bebê. O bebê introjeta impulsos amorosos (objetos parciais bons), dentre as quais ele retribui a mãe na mesma medida e projeta esse mesmo tipo de sentimento. O fato das experiências gratificantes proporcionarem ao infante o alívio da fome, o prazer de mamar, a liberação do desconforto e da tensão faz com que contribua para a integração do ego da criança (Klein, 1952/1991). Proporcionalmente, a projeção dos bons objetos faz com que a relação do bebê com a mãe ocorra de forma amorosa, a introjeção dos objetos é reforçada, diminuindo a ansiedade

persecutória. Os conteúdos internos (fezes e urina), quando estão relacionados aos impulsos amorosos, funcionam como presentes ofertados ao seu objeto de investimento libidinal, como conteúdo do seu corpo, que acarretará tanto prazer quanto aquele que recebe (Silva, 2006).

Todavia, as experiências no início da vida são fragmentadas. O mecanismo de cisão e a projeção faz com que elas sejam sentidas como exteriores ao sujeito, tornando as experiências mais intensas. Os objetos parciais acabam sendo vistos como ameaçadores ou fornecedores de gratificação ilimitada. Como resultado, “o ego procura manter os objetos bons afastados dos maus, os reais afastados dos fantásticos. O resultado é uma ideia de objetos extremamente maus e outros extremamente perfeitos” (Klein, 1935/1996, p. 310).

Os principais mecanismos de defesa da posição esquizoparanoide são a cisão, a identificação projetiva, a idealização e a negação. Através destes, o ego consegue se afastar dos impulsos agressivos dos bons objetos, pois estes seriam destruídos se conectados com os maus (Silva, 2006).

A identificação projetiva pode ser tanto positiva quanto excessiva; é positiva quando as partes boas e amorosas do self são expelidas para dentro da mãe, o que facilita o bebê à integração egoica e ao desenvolvimento de boas relações de objeto. E é considerada excessiva ou patológica quando há o emprego de forma exagerada e repetitiva desse processo pelo indivíduo, acarretando sentimentos de solidão e dependência dos representantes externos que contêm suas partes boas projetadas (Klein, 1946/1991).

A idealização, como mecanismo de defesa da posição esquizoparanoide, projeta o impulso de vida para o seio bom, desde que o ego sinta esse seio com o poder de suprir as necessidades de maneira irrestrita. Em contrapartida, pela idealização, o ego realiza atos de forma onipotente contra os objetos maus que ameaçam o seu interior (Klein, 1946/1991).

A posição esquizoparanoide também tem como mecanismo de defesa a negação, ou seja, é a não aceitação da realidade por ser frustrante para o ego. Os objetos maus são

repudiados pela ansiedade e medo de retaliação que são causados. Há uma extrema cisão entre o objeto bom e mau, aniquilando o impulso destrutivo, através de sentimentos de onipotência em relação ao objeto bom (Silva, 2006).

2.3 POSIÇÃO DEPRESSIVA

A posição depressiva é responsável pelo desenvolvimento maturacional do bebê que oferece maior capacidade para suportar frustrações e reconhecer a agressividade. Os aspectos amados e odiados da mãe não necessitam de ser sentidos como algo dividido. Nesta posição, percebe-se a identificação do medo em perder ou ser abandonado pelo objeto de amor, já que na posição anterior o sentimento era de ser perseguido e retaliado. O sentimento de culpa faz-se presente, devido aos ataques e descargas pulsionais dos objetos, que se encontram mais integrados no bebê, preocupando-se ainda mais com a reparação dos objetos (Klein, 1946/1991).

O bebê, mesmo rodeado por várias pessoas, consegue diferenciar quem é sua mãe. Posteriormente, realizado o reconhecimento da mãe, o bebê, mesmo em contato com várias pessoas ao mesmo tempo, consegue reconhecer seu pai. Quando o bebê reconhece sua mãe, significa dizer, que ele percebe sua mãe como um objeto total. Além de o bebê reconhecer sua mãe como objeto total, este pode se relacionar com objetos separados dela, como, seio, mãos, face, olhos da mãe, que em alguns momentos pode ser boa, má, aquela que sabe se fazer presente ou ausente e que pode ser amada ou odiada. Ele passa a perceber que as experiências boas e más não são advindas de um seio ou mãe bons ou maus, mas daquela mãe que tem algo de bom e de mau. A partir do momento que o bebê passa a perceber que uma pessoa total tem vida própria e que possui relações sociais, ele enxerga seu próprio

desamparo, o quanto ele precisa dessa mãe para exercer seus cuidados vitais (Segal, 1964/1973).

Nesse período, o mundo da criança ganha nova cor, seu poder de expressar suas emoções e de se comunicar aumenta, além de um gradual desenvolvimento do ego. “Integração, consciência, capacidades intelectuais, a relação com o mundo externo e outras funções do ego desenvolvem-se com firmeza” (Klein, 1952/1986, p. 229).

Os processos introjetivos na posição depressiva são mais intensos. Devido à diminuição dos mecanismos projetivos, o bebê necessita do cuidado do objeto amado, mas descobre que esse objeto, possui vida própria. O bebê, devido ao afastamento do objeto, necessita ainda mais de possuí-lo, pretende protegê-lo, na intenção de evitar que seja destruído. A posição depressiva inicia-se na fase oral, em decorrência da onipotência dos impulsos destrutivos que destroem não somente o objeto externo, mas também o bom objeto introjetado. O objeto interno bom forma o núcleo do ego e do mundo interno do bebê, de modo que o bebê se sente defrontado com a possibilidade da ansiedade destruir seu mundo interno (Segal, 1964/1973).

Nessa fase, há uma diferença entre o uso da divisão do objeto e do eu. Apesar de haver os métodos de divisão anteriores, o ego passa a dividir o objeto completo em objeto vivo, que resiste ao objeto danificado e em risco. Isso ocorre, devido a uma defesa contra a ansiedade depressiva (Klein, 1952/1986).

Essa posição é uma etapa crucial no desenvolvimento do bebê. Tanto que é através dela que se pode pensar como a criança apreende sua realidade. Assim, consegue ter maior consciência de si mesma e pode entender que os objetos são externos. Se caso a posição não for bem elaborada, seu desenvolvimento pode ser comprometido (Segal, 1975).

As condições do bebê sendo boas, tranquilas, ele sentirá com o decurso do seu desenvolvimento que seus impulsos libidinais, assim como seu objeto ideal, são mais

resistentes que os objetos maus. Assim, o bebê sentirá que está mais forte e que sua capacidade de defesa e de defender o objeto ideal dos objetos perseguidores de aniquilamento são maiores (Segal, 1975).

A posição depressiva está associada às transformações libidinais, sendo que esse período equivale aos seis primeiros anos de vida da criança, permitindo ao bebê entrar nos estágios iniciais do complexo de Édipo. “Esses estágios caracterizam-se pelo importante papel que os objetos parciais ainda desempenham na mente infantil enquanto a relação com os objetos complexos está sendo estabelecida” (Klein, 1952/1986, p. 237).

A libido oral está presente nesta etapa, sendo que os desejos genitais estão passando para o primeiro plano. Os desejos orais, acrescidos pela frustração sentida em relação à mãe, são transmitidos do seio para o pênis do pai. Os desejos orais incorporam-se aos genitais e a criança, na sua fantasia inconsciente, deseja o pênis paterno e a tem ciúme da mãe, porque ela sente que é a mãe quem recebe o objeto desejado (Pacheco, 2015).

Os primeiros períodos dos estágios edípicos retratam o papel que o interior da mãe e o seu próprio interior desempenham na mente do bebê. O período que caracteriza a posição esquizoparanoide, é caracterizado por impulsos destrutivos que se sobressaem, assim, o bebê tem o desejo de se introduzir no corpo da mãe, tomando posse de seu conteúdo de forma oral e anal. Essa vontade prevalece na fase depressiva, sendo dirigido ao pênis do pai. Os desejos orais pelo pênis são internalizados pelo bebê, um sendo como objeto bom e o outro como objeto mau. Como o pênis do pai, pode ser desejado e odiado, existe no imaginário infantil uma parte do corpo paterna, assim como algo que está dentro do corpo dele e do corpo da mãe (Pacheco, 2015).

As teorias sexuais são a base para a formação de figuras parentais combinadas: “a mãe que contém o pênis do pai ou o pai todo; o pai que contém o seio da mãe ou a mãe toda; os pais inseparavelmente fundidos em relações sexuais” (Klein, 1952/1986, p. 239).

Com relação à menina e ao menino, o medo de perder a mãe, o objeto primário de amor, contribui para a necessidade de substitutos, fazendo com que a criança dirija primeiramente ao pai, que acaba sendo introjetado. A ansiedade depressiva e a libido desviam-se da mãe e essa disposição repercute nas relações objetais diminuindo os sintomas depressivos. As ansiedades do bebê são aliviadas de acordo com os estágios do Complexo de Édipo, que o ajudam a superar a posição depressiva (Pacheco, 2015).

Quadro 1 - Características das Posições (Rosa, 1995)

	Regressão ao Ponto de Fixação	Etapa normal do desenvolvimento	Regressão temporária; Momento da Personalidade	Relações de Objeto
Posição Depressiva (D)	PMD; depressão em geral	Após o quarto mês, com ápice por época do desmame	Tristeza, culpa, amor exagerado, luto	Total (ambivalente)
Posição Esquizoparanoide (SP)	Esquizofrenia	Do primeiro ao quarto mês	Delírio de perseguição, desconfiança exagerada, medo exagerado de ser roubado	Parcial (Divalente)

2.4 PSICOPATOLOGIA DAS RELAÇÕES AMOROSAS E A FAMÍLIA

Além do que foi abordado até o presente momento neste trabalho, observou-se a necessidade de tratar da psicopatologia das relações amorosas, para que se possa compreender melhor a estrutura e a dinâmica psíquica das mulheres em situação de violência doméstica e como se configuram essas relações amorosas, especialmente, quando se trata de uma relação patológica. Kernberg (1995) postula que é possível se apaixonar em algumas patologias de caráter. No caso de personalidades narcisistas, a paixão significa o começo da

consideração pelo outro. Em pessoas *borderline* a idealização primitiva torna-se o cenário da relação amor e ódio com os objetos primários. Quando se trata de pacientes *borderline* menos gravemente doentes, esses podem apresentar a excitação sexual e desejo erótico, mas sofrem de patologia de relações objetais internalizadas. Os mecanismos dissociativos da organização desses pacientes dividem o mundo das relações objetais internas e externas em figuras idealizadas e persecutórias. Como consequência, idealizam relacionamentos com “objetos parciais”. Portanto, trata-se de relacionamentos frágeis, podendo ser corrompidos por aspectos “totalmente maus” que podem levar um relacionamento ideal a um relacionamento persecutório. Nos neuróticos é possível descobrir a duração de um relacionamento e até mesmo a solução de conflitos edípicos. Pacientes histéricas e com fortes tendências competitivas inconscientes com os homens podem desenvolver relações estáveis com eles enquanto não houver nenhum fator sexual. Quando ocorre a intimidade sexual, o ressentimento inconsciente pela submissão fantasiada aos homens, ou a culpa inconsciente pela sexualidade proibida, interfere na relação. Os processos de idealização, provenientes das relações amorosas, já progrediram da idealização primitiva e irrealista para a integração das relações objetais internalizadas “totalmente boas” e “totalmente más”, sendo que o paciente já alcançou a constância de objeto e capacidade realista para analisar, em profundidade, tanto a si mesmo quanto ao seu objeto de amor.

A partir do momento em que se inicia um relacionamento amoroso, as qualidades do parceiro tendem a ser maiores, mas com o decorrer do tempo, surgem algumas características indesejáveis. Rassial (2003) vincula a paixão à posição esquizoparanoide, e considera que, tudo que há de bom está no outro, na esperança de que “defeitos” possam ser reparados através do encontro amoroso. Na posição depressiva, durante a reconciliação do objeto bom e do objeto mau, o sujeito necessita abdicar a expectativa de que o outro seja totalmente bom. O que se espera em um relacionamento é ficar com o que é bom do objeto para curar aquilo

que não é aceitável. Quando é possível constatar que os aspectos bons e maus são indissociáveis, ocorrem depressão e movimentos que podem variar entre a regressão e a imposição, forçando o parceiro a efetuar o pacto e corresponder às fantasias idealizadas no início da relação.

No relacionamento, enquanto o homem está submetido à função fálica, encontra apoio para atravessar os momentos de angústia, a mulher experimenta uma espécie de dissolução de si, perdendo suas próprias fronteiras. Diante do desconhecimento da sua própria feminilidade, a mulher substitui a falta por meio do amor e buscará ser única no desejo de um homem. A perda do amor pode ser sentida pela mulher como devastação. Ela se perde ao perder o amor do homem (Gomes & Levy, 2011).

Essa angústia experimentada pela mulher não implica a perda real do objeto, mas a perda do amor pelo objeto (Freud, 1926/1969). Dessa forma, a necessidade de amor e a dependência pelo objeto amado se impõem na constituição da identidade feminina. A mulher precisa ser amada, para a sua feminilidade ser definida através da parceria com um homem. Ao se abdicando da sua vida, a mulher favorece o amado, e este aumenta a sua exigência amorosa (Zalcborg, 2008).

Através de todo esse conhecimento apresentado sobre a constituição da relação amorosa, pode-se perceber o quanto é difícil para um casal, corresponder ao desejo de um e de outro e o quanto precisam abdicar de muitas atitudes e comportamentos para que o relacionamento possa se estabelecer de forma saudável. Quando o relacionamento não se estabelece dentro do esperado pelo casal, de forma amorosa e respeitosa, o casal experimenta sentimentos negativos, como o ódio, que repercute em uma relação insustentável, ocasionando em alguns casos a violência doméstica contra a mulher (Gomes & Levy, 2011).

O amor patológico é um destes casos, no caso, paixão, ciúme, obsessão, dependência e a necessidade de aceitação e compreensão são comprometidas em indivíduos com traços

obsessivos, compulsivos, impulsivos e agressivos, o amor doentio está presente. O amor doentio compreende uma dependência amorosa pelo par, que acarreta no funcionamento psicopatológico do indivíduo, que vivencia esse amor de forma distorcida (Lino, 2009).

Lino (2009) busca diferenciar a definição de amor doentio e de paixão. Para este autor, a paixão em si, refere-se a um estado de angústia e preocupação com o objeto amado, mas este comportamento de prazer e pensamentos obsessivos também são características da fase de enamoramento. Quando este comportamento passa a invadir a vida do indivíduo, não se fala mais em paixão e sim num amor passional e doentio (Lino, 2009).

O amor passa a ser patológico, quando o indivíduo apresenta um comportamento nitidamente doentio, na medida em que não consegue viver mais sem o outro, procura limitar sua independência (Aquotti & Ferreira, 2009).

Esse amor obsessivo pelo outro, dá sentido a vários outros sentimentos patológicos, como o ciúme e o delírio do ciúme. E é a partir desses sentimentos alimentados pelo homem ou pela mulher e ou, ainda, por ambos que ocorre a violência doméstica. Nesses casos, as pessoas podem viver sem o amor, mas terão dificuldade em desenvolver determinadas habilidades, como autoestima, capacidade de amar o próximo, ou mesmo amar a própria vida. Esses são elementos fundamentais para uma relação saudável (Lino, 2009).

Ocorridos episódios de violência entre um casal, não é fácil para a vítima suportar que as agressões parta de uma pessoa com quem ela mantém relações íntimas de afeto. Estão também implicadas questões emocionais e objetivas, que envolvem a desestruturação do cotidiano, da família e até mesmo o risco de morte para a mulher (Instituto Patrícia Galvão, 2017).

As questões emocionais e objetivas provenientes da violência contra a mulher abrangem o ambiente familiar hostil e violento, sendo extremamente ruim para a mulher, pois, ela também é afetada em seus aspectos físicos e psicológicos, causando prejuízo na

relação com seus filhos (Sani, 2008). As mulheres que de alguma forma passaram pela violência doméstica apresentam níveis de estresse elevados, além de baixa autoestima, depressão, ansiedade, sentimentos de impotência e culpa, estendendo em suas capacidades parentais (Gomes, 2012).

A partir do momento que a violência contra a mulher atinge toda a esfera familiar, Maldonado e Williams (2005) afirmam que as crianças não precisam presenciar a violência para ser afetada por ela, basta à criança ver, ouvir a agressão à mãe, visualizar o resultado quando interage com seus pais. A violência doméstica no lar afeta a criança ou adolescente de forma muito intensa. O desenvolvimento deles em ambientes violentos pode atingi-los em vários aspectos acarretando alterações na capacidade de concentração e de aprendizado (Oliveira & Silva, 2012).

Presenciar a violência acaba gerando nos filhos sentimentos de ódio e raiva em relação ao pai, sendo que os filhos experimentam sentimentos de vingança quando atingem a fase adulta, tentam evitar que o pai agrida novamente a mãe, e acreditam que podem colocar um ponto final na violência (Sagim, 2008).

Além de a violência acarretar prejuízos aparentes em crianças e adolescentes, ela também pode ser encoberta, em especial quando se trata das consequências emocionais, sentidas somente no futuro. Junqueira (1998, p. 432) diz que os pais reproduzem os modelos de comportamentos vivenciados na infância, e quando uma criança ou adolescente presencia as agressões, na fase adulta, reproduzirá esses atos sobre os filhos, podendo no futuro, ser autor de maus-tratos e violentos contra outras crianças e adolescentes (Atadia, Cabral, & Centeville, 1997).

Nas questões direcionadas aos homens e às mulheres, o relacionamento entre eles tem apresentado de forma dominante, além de um forte predomínio de submissão a figura feminina, de quem se exige: obediência, reprodução, fidelidade, cuidados do lar e educação

dos filhos. Os papéis destinados à mulher e que são determinados pelas questões de gênero tornaram-se naturais, comum na maioria das sociedades. As repercussões da violência conjugal ganham evidência à medida que os atos de agressão começam a sair da invisibilidade (Argimon, 2010). Isso ocorre, pois, em grande parte, a agressão é invisível aos olhos de outras pessoas por acontecer em âmbito privado e por ser negligenciada e por gerar na vítima sentimentos de medo e vergonha que a impossibilitam tornar público o que vivencia (Monteiro & Souza, 2007).

Através desse medo que a mulher possui deixar a violência tornar-se pública, muitas mulheres são assassinadas por seus companheiros. O feminicídio é o assassinato de uma mulher pela condição de ser mulher. O motivo que leva um homem a matar sua companheira diz respeito ao ódio, desprezo ou sentimento de perda de controle e da propriedade sobre as mulheres, comuns em sociedades onde ainda há o predomínio da discriminação pelo feminino, como é o caso do Brasil (Instituto Patrícia Galvão, 2018).

O feminicídio é um problema global, que varia de acordo com a sociedade e a cultura, caracterizando-se como crime de gênero ao carregar sentimentos de ódio, tendo como produto a destruição da mulher, em várias combinações como: práticas de violência sexual, tortura e/ou mutilação da mulher antes ou depois do assassinato (Instituto Patrícia Galvão, 2018).

2.5 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

O último capítulo deste trabalho apresenta como intenção abordar leis que priorizam os direitos e a igualdade entre homens e mulheres e apontar as instituições que oferecem atendimento às mulheres em situação de violência doméstica, assim como os atendimentos prestados a essa população e qual o lugar ocupado pela Psicologia ao promover sua escuta

perante os casos de violência contra a mulher. Vale ressaltar a importância de o profissional possuir conhecimentos teóricos e técnicos para prestar um atendimento mais humanizado a essas pessoas de acordo com seu sofrimento.

No Brasil, apesar da luta pelos direitos da mulher ter ocorrido de forma lenta, foi somente com a Constituição de 1988, considerada marco da evolução dos direitos da mulher, que ocorreu a instituição das normas de igualdade entre homens e mulheres. Em 1994, houve a aprovação pela Organização dos Estados Americanos da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a violência contra a Mulher, Convenção de Belém do Pará (Pimentel, 2002).

O objetivo desta Convenção é “garantir à mulher o respeito de sua integridade física, mental e moral; o direito à liberdade e à segurança pessoais; o direito à dignidade inerente à sua pessoa e à proteção de sua família; o direito à igual proteção perante a lei; o direito à igualdade de acesso às funções públicas de seu país, inclusive na tomada de decisões. O Brasil veio a aprová-la em 27 de novembro de 1995, incorporando suas diretrizes ao definir a violência física, sexual e/ou psicológica contra a mulher como uma violação aos direitos humanos, ao estabelecer um catálogo de direitos, a fim de que as mulheres tenham assegurado o direito a uma vida livre de violência, no âmbito público e privado” (Pimentel, 2002, p. 42).

O Novo Código Civil (Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002) traz consigo o princípio da igualdade entre homens e mulheres, em direitos e obrigações. Ele vem regularizar o que está escrito na Carta Magna, como por exemplo, a violência doméstica contra a mulher, presente nas relações familiares como uma forma de expressão e uma consequência discriminação, que está em desacordo com a antiga legislação civil (Alves, Amorim, & Ribeiro, 2018).

Com a implantação da Lei Maria da Penha que de forma inovadora contempla o homem nas propostas para que se evite a violência contra a mulher, esta lei possui como característica assumir o papel de reflexão e educação, dirigida aos homens, sendo acompanhada de um processo judicial, que resulta na implantação em comarcas no Brasil como instrumento para promover a proteção à mulher (Leite & Lopes, 2013).

A Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) veio para desmistificar a estrutura patriarcal sedimentada com o passar dos anos, colocando a questão feminina a ser questionada, por desafiar e propor uma nova concepção cujo objetivo é a relação social. Portanto, para que esta lei funcione e tenha êxito, é necessário que o Poder Judiciário implante Juizados de Violência Doméstica, com funcionamento diferenciado. A equipe multidisciplinar de atendimento pouco servirá se aos processos judiciais não tiverem tratamento diferenciado, no sentido de compreender o que está por trás de cada processo. É preciso haver treinamento adequado da equipe que atenderá essas mulheres. O psicólogo é imprescindível, não somente para os atendimentos das mulheres, mas para dar suporte à equipe como um todo (Borges, Sá & Werlang, 2009).

Além das leis possuírem sua eficácia e prestarem apoio à mulher nessas situações, os serviços públicos ofertados têm relevância em cuidar daquilo que é evidente em relação aos sinais e sintomas da violência. Dentre essas ações e serviços disponíveis às mulheres, pode ser citada, a Delegacia da Mulher, onde a vítima passa a ter conhecimento acerca do serviço de Psicologia e pode solicitar atendimento. Este atendimento também é possível pelo encaminhamento dos policiais à vítima, que depende do estado emocional em que se encontra e da ocasião em que aconteceu o registro de ocorrência. Nesse local também acontecem atendimentos individuais e em grupos. Depois de acolhidas, as mulheres podem permanecer em atendimento na DM ou serem encaminhadas para outros setores públicos. Essas mulheres procuram apoio desses serviços por não terem condições de romperem esse ciclo de violência

e esperam que a delegacia possa orientá-las ou ter uma escuta diferenciada (Costa *et al.*, 2010).

Além das DMs, há os Centros de Referência de Atendimento à Mulher (CRAMs), que funcionam como espaços de atendimento e acompanhamento psicológico e social a mulheres em situação de violência. Esses centros permitem o encaminhamento da vítima a serviços médicos ou casas abrigo (Compromisso e Atitude, 2017).

As casas abrigo funcionam como um asilo protegido e atendimento integral (psicossocial e jurídico) a mulheres em situação de violência doméstica (acompanhadas ou não de seus filhos) sob ameaça de morte (Compromisso e Atitude, 2017).

Os Centros de Referências da Assistência Social (CRAS), são unidades públicas que realizam trabalho social com as famílias, têm o objetivo de estabelecer um bom convívio familiar, a fim de permitir o acesso aos direitos e melhoria na qualidade de vida (Compromisso e Atitude, 2017).

Os Juizados de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, que compõem órgãos da justiça ordinária com competência cível e criminal, possuem como responsabilidade processar, julgar e executar as causas direcionadas à violência doméstica e familiar contra a mulher (Compromisso e Atitude, 2017).

A Defensoria Pública presta assistência jurídica integral e gratuita à população que não apresenta condições financeiras para pagar honorários a advogados e os custos de uma ação judicial/extrajudicial ou de um aconselhamento jurídico (Compromisso e Atitude, 2017).

Os Serviços de Saúde Especializados para o Atendimento dos Casos de Violência Contra a Mulher, contam com uma equipe multidisciplinar capacitada para atender os casos de violência doméstica contra a mulher e de violência sexual. Caso a mulher seja vítima de violência sexual, será encaminhada para a realização de exames e orientada sobre a prevenção de DSTs, que inclui AIDS e gravidez indesejada. Além disso, oferecem abrigo,

orientação e encaminhamento para casos de abortamento legal (Compromisso e Atitude, 2017).

É através dessa interlocução entre Psicologia e Políticas Públicas Intersetoriais que é possível compreender os processos subjetivos que caracterizam cada sujeito, repercutindo em seu comportamento e em sua identidade. Entretanto, compreender os processos psíquicos das vítimas de violência é um trabalho destinado à Psicologia que procura utilizar ferramentas eficazes para compreender a dinâmica psíquica das vítimas.

A violência doméstica é um fenômeno social, que não pode ser tratado no campo individual ou privado. A atuação do psicólogo nessa área deve ser embasada tanto na psicologia social quanto na prática clínica. Segundo Dutra (2008), não se pode pensar no sujeito sem levar em consideração sua história de vida e o meio no qual ele se insere. Para completar, a partir desse aspecto, surgiu o conceito de clínica ampliada, visando à ampliação da atuação do psicólogo clínico, como ferramenta para introduzir sua metodologia em diferentes locais (Dutra, 2008).

O conceito de clínica ampliada remete ao psicólogo a possibilidade de diversificar sua atuação. Dessa forma, o profissional amplia o foco das intervenções, para compreender o indivíduo como um ser social, sai do consultório para se introduzir em instituições e comunidades, atingindo várias classes sociais, criando e adaptando suas estratégias de atendimento. O psicólogo que trabalha nessa área vai além da psicoterapia individual, ele foca na terapia comunitária e em campanhas socioeducativas. Em alguns casos, não é o sujeito quem procura o psicólogo e sim o contrário. A clínica ampliada visa o alcance de toda comunidade (Marinho & Murta, 2009).

Com relação à violência, são apontadas as características das práticas psicológicas no Brasil, que percebe a questão através do caráter privado, da esfera íntima, familiar, além de “psicologizar” o problema (Coimbra, 2002).

A violência doméstica contra a mulher, não deve ser pensada como um problema isolado, pertencente ao mundo privado e familiar, pois, envolve também questões políticas e sociais, havendo iniquidades de gênero e violações de direitos. Os psicólogos brasileiros precisam compreender a violência além dos aspectos intrapsíquicos, existenciais e da dinâmica familiar. Se os psicólogos desconsideram os fatores culturais, sociais e políticos, não estão se diferenciando de outros modelos de profissionais, contribuindo com a banalização da violência (Coimbra, 1995/2002).

Para finalizar esse estudo, é necessário que a mulher tome uma atitude em relação à violência sofrida, que se reconheça como tal, se sinta realmente agredida e que esteja disposta a enfrentar esse problema e que procure meio para acabar com a violência. A maioria das mulheres não possui conhecimento sobre seus direitos civis, vivem através de uma legislação que ajudou a abranger a violência. Assim, escolhem por viver relações violentas, com predomínio da dominação masculina, cultivam valores de manter o casamento como garantia de status (Borges, Sá, & Werlang, 2009).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Descrever e analisar a estrutura e a dinâmica psíquica de mulheres em situação de violência doméstica.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar a amostra a partir dos aspectos sociodemográfico e da história pregressa das participantes.

4 MÉTODO

4.1 AMOSTRA

Participaram deste estudo descritivo com delineamento de estudo de casos três mulheres em situação de violência doméstica. Foram incluídas no estudo mulheres adultas com idades entre 18 anos e 60 anos. As participantes foram mulheres envolvidas em violência doméstica, que, por não terem condições financeiras de recorrer a um profissional particular, procuram o serviço público com a esperança de serem ouvidas, assim como, a encontrar a resolução para o problema. Essas mulheres procuram a Defensoria Pública, como mais uma opção, pois, nem todos os serviços privados, conseguem corresponder à necessidade de cada uma.

Nessa pesquisa foram incluídas mulheres que sofreram violência doméstica. Não foram incluídas mulheres que desistiram de dar continuidade ao processo que estava em andamento na Defensoria Pública, devido à violência e que por algum motivo pessoal não quiseram participar da pesquisa.

4.2 LOCAL

A pesquisa foi realizada em uma sala da Defensoria Pública de uma cidade do estado de Minas Gerais. A sala onde se realizou a coleta dos dados era bem iluminada com mesas e cadeiras e o ambiente neutro, favorável à coleta de dados aqui propostas. A Defensoria Pública é uma instituição permanente, cujo objetivo é garantir aos necessitados, o acesso gratuito à justiça. O cidadão que procura a Defensoria Pública é encaminhado ao setor de triagem. Dessa forma, cabe à pessoa apresentar os motivos que a levaram a procurar a Instituição. O servidor vai avaliar os motivos apresentados, e, em seguida, encaminhará para

o Defensor Público específico aquele atendimento. O atendimento pode ou não acontecer no mesmo dia. Caso a pessoa não seja atendida naquele dia, será agendada outra data. Cabe ao Defensor Público analisar o caso e examinar a documentação apresentada antes de ingressar uma ação na justiça (Defensoria Pública, 2018). A Defensoria Pública oferece atendimento ao público de forma bem diversificada, abrange, consumidor, idoso, criança, adolescente, mulheres vítimas de violência doméstica. A instituição também pode fornecer informações sobre os direitos e deveres das pessoas que recebem sua assistência. A pessoa que é assistida pela Defensoria Pública pode decidir melhor como agir em relação ao problema apresentado ao defensor público (Mayara de Paula Lajara, 2018).

4.3 INSTRUMENTOS

Foram utilizados os seguintes instrumentos:

- 1) **Questionário sociodemográfico** (Anexo B): criado especificamente para avaliar o nível socioeconômico e cultural do entrevistado, contendo perguntas abertas e fechadas.
- 2) **Roteiro de Entrevista Semidirigida** (Anexo C) consiste na manipulação de certos aspectos sobre a história de vida do examinando. Entretanto, a entrevista, apresenta características particulares, podendo ocorrer entre duas ou mais pessoas. A partir de várias entrevistas, é possível obter do entrevistado diferentes histórias de sua vida, além de pontos de contradição e complementação (Bleger, 2003).
- 3) **Escala Beck de Depressão:** Foi criado por Beck, Ward, Mendelson, Mock e Erbaugh (1961) e revisado por Beck, Rush, Shaw e Emery (1979/1982). Esse instrumento foi desenvolvido como uma escala sintomática de depressão, para ser

usado em pacientes psiquiátricos. É um instrumento útil para a população geral. (Manual de Beck e Steer, 1993b). Trata-se de um questionário de autorrelato contendo 21 itens de múltipla escolha, subentendendo graus crescentes de gravidade de depressão, com escores de 0 a 3 (Williamns, Barlow & Agras, 1972).

- 4) **Teste das Relações Objetais de Phillipson – TRO:** desenvolvido por Hebert Phillipson, na Inglaterra, em 1955 (Rosa, 1995). Tem como base a Teoria das Relações Objetais de Melaine Klein e Fairbain, é um teste de forma, conteúdo, dinâmico e dramático. Para Phillipson (2012), o processo perceptivo é determinado pelas relações pessoais, portanto, é compreendido em função delas. Considera-se que o mundo interno das relações objetais determina de modo fundamental as relações do indivíduo com as pessoas do mundo externo, pode-se entender como a percepção das relações pessoais influenciam na conduta de um indivíduo em certas situações. O instrumento pode ser aplicado em pessoas cujas idades podem variar entre 15 e 55 anos. É um teste projetivo, cuja base teórica é a Teoria das Relações Objetais de Melanie Klein e se destina a avaliar aspectos da dinâmica das relações interpessoais.

4.4 PROCEDIMENTOS

4.4.1 Procedimento para coleta de dados

A pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Metodista de São Paulo sob o número do CAAE 75777917.0.0000.5508 (Anexo E).

A coleta de dados foi realizada numa sala da Defensoria Pública de uma cidade de Minas Gerais. Após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Metodista, foram

convidadas mulheres que estavam com processo em trâmite de violência doméstica para participarem da pesquisa.

Àquelas que tiveram interesse em participar, foi agendado dia e horário, com a finalidade de apresentar os objetivos da pesquisa e explicar os aspectos éticos. Também foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Anexo A), para que a participante voluntária pudesse ter conhecimento de como seria o processo de pesquisa. Após consentimento das participantes, foi realizada individualmente uma entrevista e aplicação de testes, assim como cada participante receberá uma entrevista devolutiva:

- **Questionário Sociodemográfico e Roteiro de Entrevista:** foi aplicado individualmente, sendo as anotações das respostas registradas por escrito pela própria pesquisadora.
- **Escala Beck de Depressão:** para a aplicação desta Escala, o protocolo foi entregue à examinanda, diante do qual foi solicitado que preenchesse as informações requeridas, devendo ler em voz alta as instruções impressas na parte superior. Posteriormente, realizada a leitura das informações contidas na folha de resposta, a examinanda deveria fazer um círculo em torno da afirmação atribuindo valores 0, 1, 2 ou 3, a depender da afirmação que melhor descrevesse a maneira como a participante tinha se sentido na última semana, incluindo o dia da coleta dos dados. A Escala, utiliza como critério a avaliação quantitativa, baseada no escore total, que é o resultado da soma dos escores individuais dos itens. O escore total permite a classificação de níveis de intensidade de depressão.

Caso aconteça, de várias informações se aplicarem igualmente bem, a participante faria um círculo em torno de cada um dos valores. Deveria ler com atenção cada afirmativa, antes de fazer sua escolha. É indicado para sujeitos entre 17 e 80 anos de idade. Trata-se de um instrumento muito utilizado para a verificação de episódios depressivos (Cunha, 2016).

- **Teste das Relações Objetais (TRO):** as respostas atribuídas por cada uma das participantes diante da aplicação do TRO encontram-se transcritas no (Apêndice D). Para cada uma das três participantes, a aplicação ocorreu de forma individual, sendo que foram apresentadas uma prancha de cada vez e as respostas foram anotadas pela pesquisadora. As interpretações e avaliações qualitativas foram realizadas conforme as instruções de Rosa (1995/ 2017) e Arzeno, Ocampo e Piccolo (1981/2017), com base na Teoria das Relações Objetais.

Os instrumentos relacionados acima foram aplicados em 3 encontros com duração máxima de 2 horas cada um:

- 1º encontro: Entrevista inicial: relatos da mulher sobre sua história de vida e do parceiro, como se estruturou o relacionamento e o porquê da perpetração da violência doméstica contra a mulher.
- 2º encontro: Aplicação do Questionário Sociodemográfico e da Escala Beck de Depressão e TRO.
- 3º encontro: Entrevista Devolutiva: previsto para ser realizada de forma imediata, considerando-se se houver interesse da participante.

4.4.2 Aspectos éticos

Todas as mulheres foram orientadas sobre a proposta de trabalho e a natureza acadêmica do estudo. Foi solicitado que as participantes assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com a garantia de que as informações obtidas seriam para fins acadêmicos e que permaneceriam sob sigilo. A participação das mulheres,

não acarretou nenhum dano à saúde. Foram informadas de que a pesquisa poderia trazer algum desconforto emocional, em função das perguntas, e que se sentissem desconfortadas poderiam optar pela sua interrupção.

Quanto aos benefícios, espera-se que os resultados possam trazer contribuição para o desenvolvimento do conhecimento científico, bem como ações de prevenção e promoção da saúde de homens e mulheres envolvidas em violência doméstica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir apresentaremos os resultados das Escalas Beck de Depressão e do Teste das Relações Objetivas (TRO) de cada uma das participantes deste estudo, sendo que a descrição literal das histórias elaboradas por cada uma das participantes no TRO consta do Anexo D.

Destaca-se que os nomes são fictícios, a fim de manter o sigilo e preservar a identidade dessas mulheres e o respeito às exigências éticas.

5.1 APRESENTAÇÃO DOS CASOS

5.1.1 Caso 1: Joana

5.1.1.1 Dados da Entrevista

Joana tem 52 anos, é casada há vinte anos e possui dois filhos, um de 23 anos e o outro de 18. Tem ensino fundamental incompleto, é trabalhadora rural e seu marido, Roberto, é carpinteiro. A participante conta que o padrasto do marido e a mãe brigavam muito, ele a traía com outras mulheres e que as brigas aconteciam quando ambos estavam bêbados. Relata que o sogro não ligava para ele, inclusive não o registrou.

Joana é vítima de violência doméstica e o agressor é seu marido. As agressões tiveram início em 2004 e são de natureza verbal e física, seguidas de ameaça de morte a partir do uso de uma faca. Relata que foi agredida pela primeira vez, quando seu marido estava embriagado. Joana queria sair com sua irmã para comprar roupa, para um casamento. Por esse motivo, Roberto a agrediu dando-lhe um murro no rosto e a ameaçou de morte. Ela conta, ainda, que Roberto decidiu participar de uma aposta feita por sua irmã e cunhado, que

disseram a Roberto que se ele parasse de beber, lhe dariam um salário mínimo. Roberto aceitou a aposta e ficou um ano e três meses sem fazer uso de álcool. Porém, depois de um ano e três meses, Joana relata que ele voltou a beber, e está bebendo há dez anos. Joana afirma que caso o marido esteja trabalhando ele bebe, porque tem dinheiro para comprar a bebida, mas quando está sem dinheiro e não trabalha, não bebe. Joana complementa que ele só conversa quando está bêbado.

Em maio de 2017, aconteceu de Roberto tentar matá-la, porque ela chamou a atenção dele, por urinar na horta. Ela falou para Roberto que não era para fazer isso, pois, estava fazendo xixi nas plantas da mãe dele. Ele não gostou e a ameaçou com uma faca, dizendo que iria matá-la. A sogra de Joana viu a situação e entrou no meio, mas ela sofre de hipertensão e passou mal. Joana chamou a polícia, mas optou por não fazer boletim de ocorrência, por respeito à sogra que tem problema de saúde. Quando aconteceu este fato, Joana morava no fundo da casa da sogra, e além de Roberto ameaça-la de morte, ele também ameaçou de colocar fogo em suas roupas. Ele colocou Joana para fora de casa, o filho mais velho (23 anos) decidiu acompanhar a mãe e o mais novo (18 anos) ficou morando com a avó, para terminar os estudos.

Joana comprou uma casa, para ela e seus dois filhos. Roberto também queria morar com a família, mas Joana disse ao marido que só o aceitava se ele parasse de beber. Ele chegou a morar com Joana e os filhos na nova casa, porém, Joana encontrou bebida em sua casa. A partir disso, Joana não quis que Roberto continuasse morando na casa. Roberto foi morar com sua mãe. Joana está decidida a pedir separação, por não querer mais continuar a relação com o marido.

A segunda agressão aconteceu contra os filhos do casal. Ela conta que o marido quis levar a geladeira e os filhos queriam retirar o que estava dentro dela. O pai ficou muito bravo

e tentou enforçar o filho, ela e o outro filho tentaram impedir que ele machucasse o jovem e ligaram para a polícia.

A partir desse evento, Joana, que antes não fazia nada quando o marido a agredia verbalmente, apenas saía de perto e deixava seu marido falar sozinho, ficou preocupada consigo mesma e com seus filhos, pela agressão que sofreram do pai e, por isso, decidiu solicitar medida protetiva, pois temia que algo pior pudesse acontecer com ela e seus filhos. A medida protetiva foi aplicada em primeiro de agosto de 2017.

Todos os itens além da geladeira, exigidos por Roberto, foram entregues a ele por Joana e seus filhos, tais como: botijão de gás, *hacker*, televisão de quatorze polegadas, cavadeira, picareta, makita, extensão e martelo. Devido à medida protetiva, Joana e os filhos, colocaram os objetos para fora de casa, para que Roberto os pegasse.

5.1.1.2 Análise dos dados: Escala Beck de Depressão e TRO

Quadro 2 - Interpretação do Resultado da Escala Beck de Depressão

Nível	Escore
Leve	16

Quadro 3 – Teste das Relações Objetais: Conteúdo Humano, Conteúdo da Realidade e Contexto de Realidade

Lâmina	Conteúdo Humano	Conteúdo de Realidade	Contexto de Realidade
A1(1)	Uma mulher, filhos, família.	Cenário externo, lugar sombrio.	Sombra
A 2(2)	Uma mulher e os dois filhos	Lugar onde ela morava	Vazio
C3 (3)	Inexistente	Sofá, quadro, bola vermelha, paisagens.	Vazio
B3(4)	Três pessoas (mãe, irmão e uma mulher), família.	Uma casa	Inexistente

Lâmina	Conteúdo Humano	Conteúdo de Realidade	Contexto de Realidade
AG (5)	Três pessoas (uma mulher filha mais velho e o filho mais novo).	Inexistente	Inexistente
B1 (6)	Um homem, uma mulher	Quarto	Medo, tranquilidade
CG (7)	Uma mulher, um homem, dois filhos homens	Lugar deserto	Inexistente
A3 (8)	Três pessoas, duas pessoas juntas e uma separada, ela e seus filhos	Um lugar escuro	Inexistente
B2 (9)	Dois irmãos	Praça	Inexistente
BG(10)	Uma mulher, familiares, amigos.	Reunião de aniversário, casamento.	Felicidade
C2(11)	Uma mulher, um homem	Casa, quarto	Inexistente
C1(12)	Ela e os filhos	Casa vazia e quarto	Solidão

Quadro 4 – Sistema Tensional Inconsciente Dominante-STID

Lâmina	Medo	Desejo	Defesa
A1 (1)	Da solidão	Livrar-se do mundo sombrio	Identificação Projetiva maciça; angústia persecutória
A2 (2)	Da solidão (Medo)	Proteção, amparo	Identificação Projetiva Maciça; racionalização
C3 (3)	Da solidão (Medo)	Livrar-se da situação de angústia	Identificação Projetiva, estado confusional
B3 (4)	Da solidão (Medo)	Proteção, amparo, de encontrar objetos bons.	Identificação Projetiva maciça e regressão
AG (5)	Da exclusão	De ser incluída	Identificação Projetiva Maciça, Idealização e negação maníaca da realidade.
B1 (6)	Medo e tranquilidade	Livrar-se dos objetos maus.	Identificação Projetiva maciça, estado maníaco.
CG (7)	Dos ataques dos objetos externos ruins	De livrar-se dos objetos externos ruins.	Identificação Projetiva maciça e estado confusional
A3 (8)	Da exclusão	De evitar a exclusão	Identificação Projetiva maciça
B2 (9)	Da solidão	Encontrar objetos bons que a proteja	Identificação Projetiva maciça, idealização
BG(10)	Dos ataques dos objetos maus	De encontrar objetos bons	Identificação Projetiva maciça, idealização

C2(11)	Dos ataques dos objetos externos maus	De livrar-se dos objetos maus	Identificação Projetiva maciça.
C1(12)	Da solidão	De evitar a solidão	Identificação Projetiva maciça.

Quadro 5 – Caso 1: Síntese e Posição

Lâmina	Síntese	Posição
A1 (1)	Teme a situação de solidão, abandono e dos ataques dos objetos externos. Angústia persecutória.	Posição Esquizoparanoide
A2 (2)	O ego necessita de proteção e amparo e nega situações que geram sofrimento	Posição Esquizoparanoide
C3 (3)	O ego teme situações de solidão e procura negar momentos angustiantes.	Posição Esquizoparanoide
B3 (4)	O ego necessita de acolhimento e teme as situações de tensão ou conflito.	Posição Esquizoparanoide
AG (5)	O ego necessita de amparo e não suporta a perda dos objetos.	Posição Esquizoparanoide
B1 (6)	O ego procura conter ataques advindos de objetos maus e utiliza da repressão como meio de esquecer situações perturbadoras	Posição Esquizoparanoide
CG (7)	O ego procura conter os ataques advindos do meio externo e do objeto mau.	Posição Esquizoparanoide
A3 (8)	O ego enfraquecido teme pelos ataques dos objetos maus.	Posição Esquizoparanoide
B2 (9)	O ego teme situações de solidão, separação e procura fortalecer a relação com o objeto bom.	Posição Esquizoparanoide
BG(10)	O ego teme situações de ataque provenientes do objeto mau, necessita de amparo e inclusão dos objetos bons.	Posição Esquizoparanoide
C2(11)	O ego encontra dificuldades em lidar com o par interno que está destruído.	Posição Esquizoparanoide
C1(12)	O ego experimenta angústia frente à solidão.	Posição Esquizoparanoide

5.1.1.3 Síntese do TRO

Nas lâminas das séries A, B e C, analisando o conteúdo humano, observou-se que Joana inclui personagens (A1, A2, B1 e C1) e exclui (AG, BG, C3 e CG), parecendo ter pouco contato com a realidade, há situações de exclusão e solidão, que por meio da

alucinação positiva e/ou negativa a transformam, de modo a suportar o sofrimento imposto pelos estímulos apresentados nas pelas pranchas.

No conteúdo de realidade, observou-se que a participante não consegue descrever o ambiente da prancha e seu respectivo conteúdo. Nas lâminas da série A, Joana apresentou uma adequada percepção do conteúdo de realidade na prancha A1. Nas pranchas (A2, AG e A3), apresentou inadequada percepção do conteúdo de realidade. Nas lâminas da série B, Joana apresentou percepção desfavorável em todas as pranchas (B3, B1, B2 e BG). Nas lâminas da série C, sua percepção nas pranchas (C3 e C1), mostrou-se adequada, nas demais houve inadequada percepção (CG e C2).

No contexto de realidade verificou-se que Joana não consegue distinguir as características do ambiente analisando-o com certa pobreza. Nas lâminas da série A, somente na prancha A1, Joana teve adequada percepção do contexto de realidade. Nas demais lâminas (A2, AG e A3), a participante obteve percepção inadequada. Nas lâminas da série B, Joana teve adequada percepção do conteúdo de realidade na lâmina (B1). Nas outras lâminas (B3, B2 e BG), a participação apresentou percepção inadequada. Nas lâminas da série C (C3, CG, C2 e C1), a participante obteve inadequada percepção do contexto de realidade.

Na análise do Sistema Tensional Inconsciente Dominante (Quadro 4), Joana apresentou o desejo de livrar-se dos objetos maus (B1, C2, A1, CG), evitar a exclusão e solidão (A3, C1, AG) e encontrar proteção e amparo (B3, A2, B2). No que se refere aos medos em anuência com os desejos estes foram: medo da solidão, tranquilidade e dos ataques dos objetos externos maus.

Com relação às defesas, pode-se observar a utilização da identificação projetiva maciça, angústia persecutória, estado confusional, regressão, idealização, negação maníaca da realidade, características da Posição Esquizoparanoide.

Analisando os resultados, pode-se observar que, nas pranchas de um personagem (A1, B1 e C1), o ego não foi capaz de suportar as situações de solidão e utiliza defesas da Posição Esquizoparanoide.

Nas pranchas de par (A2, B2 e C2), o ego necessita de proteção e amparo e procura fortalecer a relação com o objeto bom, mas também encontra dificuldades em lidar com o par interno que está destruído (C2). Há uma tentativa do ego encontrar e fortalecer relações sadias para dar conta da destruição dos objetos.

Nas lâminas com três personagens (C3, B3 e A3), percebeu-se que Joana tenta suportar as situações de solidão, apesar das suas dificuldades, porém, quando depara com alguma situação de angústia, recorre aos objetos que lhe remetem proteção e amparo.

Nas lâminas de grupo (AG, CG e BG), percebeu-se que Joana não consegue lidar com os objetos maus, por lhe remeterem sentimentos de angústia e sofrimento, assim, procura livrar-se deles, para encontrar os objetos bons.

Através desse caso, foi possível compreender, que pelo fato de Joana apresentar pouco contato com a realidade, a participante apresenta uma possível insegurança com relação aos objetos externos, em especial, quando está em contato com o objeto mau, necessitando que outros objetos bons ofereçam o apoio necessário. Foi verificado também que Joana apresenta pobreza em suas relações com os objetos externos, além de não conseguir descrever claramente os aspectos e características do ambiente, quando apresentada as pranchas do TRO.

5.1.2 Caso 2: Maria

5.1.2.1 Dados da Entrevista

Maria tem 39 anos, está em processo de separação e possui três filhos. Tem ensino médio completo, está desempregada e seu atual companheiro é músico. Ela conta da relação conturbada entre seus familiares caracterizada por brigas e conflitos. Relata que sempre viveu em um ambiente de muito conflito familiar.

Maria é vítima de violência doméstica e o agressor é seu marido. Eles se conheceram quando ela tinha treze anos de idade. Iniciaram um relacionamento, porém, não deu certo e terminaram. Com o término do relacionamento, Maria conheceu outra pessoa e engravidou. Esse relacionamento também não deu certo, pois, a pessoa não queria ter um relacionamento sério.

Em 1994, Maria reencontrou seu marido, reataram o relacionamento e decidiram morar juntos em um porão sem cozinha e sem banheiro. Maria engravidou novamente e com isso, a cunhada de Maria cedeu uma casa a ela e a Jorge. A partir desse momento, Maria se decepcionou com Jorge, devido às más companhias.

Em um dado momento da entrevista, Maria relembra como aconteceu a primeira agressão, relatando que foi durante a passagem de ano, quando a filha do casal se assustou com os fogos de artifícios. Como Jorge não suportava o choro de criança, ele culpava, com palavras ofensivas, a esposa de não cuidar dos filhos. Após essa agressão, ocorreu outra, Jorge bateu em Maria e quase a jogou em um buraco de terra. Maria não lembra o motivo da agressão.

Maria afirma que Jorge possuía uma relação muito conflituosa com seu cunhado. Maria não sabe o porquê disso. Mas sabe que o cunhado de Jorge desligava o chuveiro quando este estava no banho, fazendo-o tomar banho gelado. Além do cunhado, a irmã colocava camisola em Jorge, com a intenção de impedi-lo de ir à rua. Maria diz que Jorge dava muito trabalho a sua irmã.

5.1.2.2 Análise dos dados: Escala Beck (Depressão e TRO)

Quadro 6 - Interpretação do Resultado da Escala Beck (depressão)

Nível	Escore
Moderado	26

Quadro 7 - Teste das Relações Objetais: Conteúdo Humano, Conteúdo da Realidade e Contexto de Realidade

Lâmina	Conteúdo Humano	Conteúdo de Realidade	Contexto de Realidade
A1(1)	Uma pessoa	Inexistente	Sombreado
A 2(2)	Um homem, uma mulher, filho, criança	Árvore, porta	Sombra, claridade
C3 (3)	Mais de uma pessoa. Eu, meu ex-marido, e a terceira pessoa com quem estou.	Inexistente	Sangue, mancha
B3(4)	Duas pessoas	Porta, parede escura	Claridade
AG (5)	Pessoas, grupo de pessoas	Corredor, local público, igreja	Inexistente

Lâmina	Conteúdo Humano	Conteúdo de Realidade	Contexto de Realidade
B1 (6)	Uma pessoa	Quarto, porta aberta, penteadeira com espelho, cama com toalha aberta ou lençol	Clareza, luz
CG (7)	Eu e meu ex-marido	Corrimão, grade, prisão	Sombra
A3 (8)	Três pessoas, duas juntas e uma separada	Grama, terra, árvore	Inexistente
B2 (9)	Dois pessoas	Dois árvores, prédio, apartamento	Inexistente
BG(10)	Pessoas	Porta, janela, lugar público, igreja	Claro
C2(11)	Uma pessoa	Quarto com porta aberta	Inexistente
C1(12)	Inexistente	Uma mesa com cadeira, jarra com flor, xícara, roupa, cadeiras, cortina, ventilador e porta	Inexistente

Quadro 8 - Sistema Tensional Inconsciente Dominante- STID

Lâmina	Medo	Desejo	Defesa
A1 (1)	Da solidão	Livrar-se do mundo sombrio	Identificação Projetiva, divisão, negação.
A2 (2)	Dos ataques ao par	Manter o par unido	Identificação Projetiva, negação.
C3 (3)	Ser violentada	Livrar-se da situação de angústia	Identificação Projetiva, angústia persecutória.
B3 (4)	Da solidão	De manter objetos bons separados dos objetos maus	Identificação Projetiva, divisão, negação.
AG (5)	De ser incluída	De ser excluída	Identificação Projetiva, divisão, regressão.
B1 (6)	De entrar em contato com objetos destrutivos do mundo interno	Livrar do objeto mau.	Identificação Projetiva, angústia persecutória, controle onipotente.

CG (7)	Da destruição	De evitar a destruição	Identificação Projetiva Maciça, angústia persecutória, culpa.
A3 (8)	Da separação	De evitar a separação	Identificação Projetiva, negação.
B2 (9)	Da perda do objeto	De ser amada	Identificação Projetiva, idealização.
BG(10)	Da destruição	De ser incluída	Identificação Projetiva, sublimação.
C2(11)	Da perda	Evitar a perda	Identificação Projetiva Adesiva, angústia depressiva, culpa.
C1(12)	Da solidão	Evitar a solidão	Identificação Projetiva, idealização.

Quadro 9 – Caso 1: Síntese e Posição

Lâmina	Síntese	Posição
A1 (1)	O ego fragilizado não suporta a situação de solidão, recorre à identificação projetiva, à divisão e à negação, para tentar aplacar a angústia.	Posição Esquizoparanoide
A2 (2)	O ego necessita de proteção e amparo e nega situações que geram sofrimento.	Posição Esquizoparanoide
C3 (3)	A cena triangular faz emergir conteúdos destrutivos que o ego não pode suportar, tomado de angústia persecutória.	Posição Esquizoparanoide
B3 (4)	Nas situações de par, o ego fragilizado não é capaz de conter o par unido, que é rejeitado. Defende-se por meio da divisão e negação como modo de evadir-se da situação.	Posição Esquizoparanoide
AG (5)	O ego necessita de amparo e tenta suportar a ambivalência dos objetos.	Posição Esquizoparanoide
B1 (6)	O ego não pode conter os ataques, aumenta a angústia persecutória e o controle é feito por meio do controle onipotente.	Posição Esquizoparanoide
CG (7)	A situação de par gera intensa angústia persecutória e sentimentos de culpa, recorrendo a reparação do próprio ego.	Posição Depressiva
A3 (8)	A situação triangular gera angústia, que não pode ser contida pelo ego. A exclusão não pode ser suportada e o ego fragilizado recorre ao mecanismo de negação.	Posição Esquizoparanoide
B2 (9)	Em uma nova situação de par, o ego por meio da idealização, procura estabelecer uma relação saudável com o objeto bom.	Posição Esquizoparanoide
BG(10)	Através da situação grupal, o ego procura o amparo de objetos bons por meio da sublimação.	Posição Esquizoparanoide
C2(11)	O ego, diante do objeto mau, se assemelha a este, estabelecendo com os objetos bons relações fragmentadas, que diante da percepção de suas dificuldades recorre à angústia depressiva e à culpa.	Posição Depressiva

C1(12)	O ego procura estabelecer vínculo afetivo com os objetos bons por meio da idealização.	Posição Esquizoparanoide
--------	--	-----------------------------

5.1.2.3 Síntese do TRO

Nas lâminas das séries A, B e C, analisando o conteúdo humano, observou-se que Maria inclui personagens (A2) e exclui (B3, CG, C2 e C1). Ela tenta suportar a realidade, situações de angústia e medo, por meio da alucinação positiva e/ou negativa a transforma, de modo a suportar o sofrimento imposto pelas pranchas.

No conteúdo de realidade, observou-se que a participante consegue descrever bem o ambiente, denotando riqueza de detalhes no conteúdo. Nas lâminas da série A, Maria apresentou uma percepção inadequada do conteúdo da realidade na totalidade das pranchas aplicadas. Nas lâminas da série B, Maria apresentou percepção desfavorável nas pranchas (B3, B2 e BG) e favorável na prancha (B1). Nas lâminas da série C, a participante apresentou adequada percepção nas pranchas (C2 e C1), nas demais houve inadequada percepção (C3 e CG).

No contexto de realidade, verificou-se que Maria não consegue distinguir as características do ambiente, apresentando certa pobreza perceptiva. Nas lâminas da série A, somente na prancha A2, Maria demonstrou adequada percepção do contexto de realidade. Nas demais lâminas (A1, AG e A3), a participante obteve percepção inadequada. Nas lâminas da série B, a participante apresentou melhor percepção do contexto de realidade nas pranchas (B3, B1 e BG) e na prancha (B2) houve inadequada percepção da realidade. Nas lâminas da série C, somente na prancha C3, Maria teve adequada percepção do contexto de realidade. Nas demais lâminas (CG, C2 e C1), a participante obteve percepção inadequada.

No que se refere à análise do Sistema Tensional Inconsciente Dominante, conforme Quadro 8, Maria apresentou o desejo de livrar-se da situação de angústia (A1, C3 e A3),

livrar-se dos objetos maus (B3, B1 e CG), encontrar proteção e amparo (A3, B2, BG, C2 e C1). Os medos em anuência com os desejos foram: medo da solidão, violência e contato com os objetos destrutivos do mundo interno.

Com relação às defesas pode-se observar a utilização da identificação projetiva, divisão, negação, angústia persecutória, identificação projetiva maciça, controle onipotente, culpa, idealização, sublimação, identificação projetiva adesiva, angústia depressiva, características da Posição Esquizoparanoide. Somente em duas lâminas aparece tendência à Posição Depressiva (CG e C2).

Analisando os resultados, pode-se observar que nas pranchas que contêm um personagem (A1, B1 e C2), o ego mostrou-se incapaz de suportar as situações de solidão e utiliza defesas da Posição Esquizoparanoide.

Nas pranchas de par (A2, B2 e C2), o ego necessita ser amado, buscando pelo objeto bom, temendo não encontrá-lo. Mas encontra dificuldades em lidar com o objeto bom (A2 e C2). Há uma tentativa do ego realizar uma reparação e fortalecer relações sadias para evitar a perda dos objetos.

Nas lâminas com três personagens (C3, B3 e A3), percebeu-se que Maria, diante da necessidade de suportar a angústia e o encontro com determinados objetos, procura por situações conflituosas que lhe remetem sofrimento, com a finalidade de aprender a lidar com o sofrimento.

Nas lâminas de grupo (AG, CG e BG), percebeu-se que Maria não consegue lidar com os objetos maus, uma vez que estes a remetem a sentimentos de angústia e sofrimento, diante dos quais procura livrar-se para encontrar os objetos bons.

Esse caso possibilitou compreender, que Maria apresenta algumas dificuldades perceptivas com relação às pranchas do TRO. Possui como tendência, encontrar o objeto bom, mas a partir do momento em que se depara com o objeto mau, Maria o suporta,

procurando aprender com o objeto mau, além disso, demonstra possuir maturidade emocional, apesar de toda a angústia que o objeto lhe causa. Foi percebido também que Maria apresenta dificuldades em lidar com o objeto bom, consequência da relação com o objeto mal.

5.1.3 Caso 3: Elaine

5.1.3.1 Dados da Entrevista

Elaine tem 32 anos, é separada e possui dois filhos. Tem ensino médio completo, atualmente está desempregada. Seu ex-marido trabalha, mas ela não sabe qual a função que ocupa. Ela conta sobre o histórico de seu relacionamento com o ex-marido, as agressões verbais e físicas que já sofreu e como está atualmente.

Elaine é vítima de violência doméstica e o agressor é seu ex-marido. Ficou casada durante dez anos com Fabrício. Relembra os nomes horríveis (vadia, vagabunda) que ele usava quando se referia a ela. Ele também acusava Elaine, de não comprar nada para o casal, afirmando que Elaine ficava com o dinheiro. Complementa como era difícil conviver como ex-marido, pois, este implicava com tudo, segundo ela, até com o ar que ela respirava. Utilizava de calúnia contra os amigos dela, da família e da roupa que vestia. A agressão física, que Elaine sofreu foi de tapas no rosto. Como o marido é alcoólatra e usuário de droga, chegava transtornado em casa, batia na esposa e dizia no dia seguinte que não lembrava nada. Para Elaine, o ex- marido sempre foi muito agressivo verbalmente.

Durante as agressões verbais do marido, Elaine afirma que permanecia quieta e este fato incomodava o marido. Elaine, apenas dizia: *“como vou responder para alguém alterado”*.

Fabrício não deixava a ex-esposa trabalhar, tinha muito ciúmes de Elaine, inclusive, largou dois serviços por causa dele e somente conseguiu trabalhar depois que se separou de Fabrício e mesmo assim ele a ameaçava. Elaine conta que ele a ameaçou de morte. Fabrício não aceita que Elaine se relacione com outra pessoa, tecendo ameaças de morte, contra a pessoa.

Elaine desenvolveu Síndrome do Pânico e Depressão, devido às ameaças e às agressões sofridas por Fabrício, além de não conseguir entrar em outro relacionamento, pois, os homens que ela vem a conhecer, ficam com medo das ameaças que o ex-marido faz.

5.1.3.2 Análise dos dados: Escala Beck de Depressão e TRO

Quadro 10 - Interpretação do Resultado da Escala de Beck (depressão)

Nível	Escore
Grave	39

Quadro 11 - Teste das Relações Objetais: Conteúdo Humano, Conteúdo da Realidade e Contexto de Realidade

Lâmina	Conteúdo Humano	Conteúdo de Realidade	Contexto de Realidade
A1(1)	Duas pessoas	Paisagem	Inexistente
A 2(2)	Um casal	Praça, jardim	Felizes
C3 (3)	Um homem e uma mulher	Sofá, cama	Inexistente
B3(4)	Um homem e uma mulher	Quarto, sala	Inexistente
AG (5)	Inexistente	Areia, mar	Inexistente
B1 (6)	Um homem	Quarto, porta	Lugar escuro
CG (7)	Quatro pessoas	Na rua	Briga

Lâmina	Conteúdo Humano	Conteúdo de Realidade	Contexto de Realidade
A3 (8)	Três pessoas	Em casa	Inexistente
B2 (9)	Um casal	Debaixo da árvore, na praça	Chuva
BG(10)	Cinco crianças juntas e uma solitária	Na escola	Desprezado
C2(11)	Uma pessoa	Quarto	Triste
C1(12)	Inexistente	Casa vazia, cozinha, uma jarra, copos em cima da mesa	Inexistente

Quadro 12 - Sistema Tensional Inconsciente Dominante- STID

Lâmina	Medo	Desejo	Defesa
A1 (1)	Da solidão	De evitar a solidão	Identificação Projetiva, negação.
A2 (2)	Dos ataques ao par	Manter o par unido	Identificação Projetiva, idealização.
C3 (3)	Ser violentada	Livrar-se do objeto mau	Identificação Projetiva, angústia persecutória.
B3 (4)	Da separação	De manter o par unido	Identificação Projetiva, sublimação.
AG (5)	Do contato com objetos aterrorizantes do mundo externo	De evitar o contato com objetos aterrorizantes do mundo externo	Identificação Projetiva, negação.
B1 (6)	Ser violentada	Livrar-se da punição.	Identificação Projetiva, angústia persecutória.
CG (7)	Da destruição	De evitar a destruição	Identificação Projetiva angústia persecutória.
A3 (8)	De evitar os objetos internos maus	De reparar o objeto bom	Identificação Projetiva, ansiedade edípica.
B2 (9)	Do objeto mau	Se proteger do objeto mau	Identificação Projetiva, sublimação.
BG(10)	Da exclusão	De ser incluído	Identificação Projetiva, isolamento.
C2(11)	Da solidão	Evitar a solidão	Identificação Projetiva, isolamento.

C1(12)	Da solidão	Evitar a solidão	Identificação Projetiva, intelectualização.
--------	------------	------------------	---

Quadro 13 – Caso 3: Síntese e Posição

Lâmina	Síntese	Posição
A1 (1)	O ego fragilizado não suporta a situação de solidão, recorre à identificação projetiva e à negação, para tentar aplacar a angústia.	Posição Esquizoparanoide
A2 (2)	O ego necessita de manter o par unido, recorrendo à idealização.	Posição Esquizoparanoide
C3 (3)	A situação de par faz emergir identificação projetiva e a ansiedade persecutória, na qual o ego teme ser violentada pelo objeto mau.	Posição Esquizoparanoide
B3 (4)	O ego encontra o objeto bom, desejando ser amada por ele.	Posição Esquizoparanoide
AG (5)	O ego nega situações angustiantes de encontro com o objeto mau.	Posição Esquizoparanoide
B1 (6)	O ego teme situações de sofrimento e do encontro com o objeto mau.	Posição Esquizoparanoide
CG (7)	O ego tenta separar os objetos bons dos objetos maus, a fim de evitar a aniquilação.	Posição Esquizoparanoide
A3 (8)	A situação triangular gera a reparação do objeto bom, envolvendo o Édipo.	Posição Esquizoparanoide
B2 (9)	Em uma situação de par, o ego procura estabelecer uma relação saudável com o objeto amado.	Posição Esquizoparanoide
BG(10)	O ego não consegue se ver em uma situação grupal, na qual acaba sendo isolado pelo próprio grupo.	Posição Esquizoparanoide
C2(11)	O ego procura suportar a própria solidão.	Posição Esquizoparanoide
C1(12)	O ego não encontra no mundo interno os objetos bons e vai à procura através do mundo externo.	Posição Esquizoparanoide

5.1.3.3 Síntese do TRO

Nas lâminas das séries A, B e C, analisando o conteúdo humano, observou-se que Elaine inclui personagens (A1) e exclui (B3, CG e C2) e parece não suportar a solidão, situações nas quais se depara com o objeto mau, por meio da alucinação positiva e/ou negativa a transforma, de modo a suportar o sofrimento imposto pelos estímulos representados nas pranchas.

No que se refere ao conteúdo de realidade, observou-se que a participante não consegue descrever o ambiente representado na prancha e seu conteúdo. Nas lâminas da série A, Elaine apresentou uma adequada percepção do conteúdo da realidade na prancha (A1 e A2). Nas demais pranchas (AG e A3), a participante apresentou inadequada percepção do conteúdo da realidade. Nas lâminas da série B, Elaine apresentou percepção favorável nas pranchas (B1 e B2), entretanto, nas pranchas (B3 e BG), mostrou-se inadequada quanto à percepção do conteúdo da realidade. Nas lâminas da série C, Elaine apresentou adequada percepção da realidade na prancha (C1), sendo que nas demais houve inadequada percepção (C3, CG e C2).

Desse modo, no que se refere ao contexto de realidade, verificou-se que Elaine não consegue distinguir as características do ambiente, apresentando certa pobreza. Nas lâminas da série A, Joana não apresentou adequada percepção do contexto de realidade. Nas lâminas da série B, Elaine apresentou adequada percepção da realidade nas pranchas (B1, B2 e BG), destacando-se que somente na lâmina (B3) houve inadequada percepção do contexto de realidade. Nas lâminas da série C, (C2 e C1), houve inadequada percepção do contexto de realidade.

Dessa forma, pode-se concluir que, ao deparar com as pranchas do TRO, as participantes projetaram tudo aquilo que vivenciaram na realidade. Todas as situações de medo, angústia, solidão, busca por proteção e amparo. O encontro do objeto bom, do objeto mau, de alguma forma, foi revivido diante da exposição das três mulheres a cada prancha do teste. Diante disso, elas reviveram tudo aquilo que passaram, lembraram fatos aterrorizantes, como a violência aconteceu, o porquê aconteceu. Puderam rever também suas posições diante do objeto bom e mau e puderam comparar com o momento em que se encontram atualmente e qual a saída que encontraram para não permanecerem como mulheres vítimas de violência doméstica.

Na análise do Sistema Tensional Inconsciente Dominante, Elaine apresentou o desejo de evitar a solidão (A1, BG e C2), livrar-se do objeto mau (C3, AG e B2), de manter o par unido (A2 e B3), livrar-se da punição (B1 e CG), reparar o objeto bom (A3) e de ser incluída (BG). Os medos em anuência com os desejos foram: medo da solidão, dos ataques ao par, de ser violentada, da separação, do contato com os objetos aterrorizantes do mundo externo, de evitar os objetos internos maus.

Com relação às defesas, pode-se observar a utilização de mecanismos como a identificação projetiva, negação, idealização, angústia persecutória, sublimação, ansiedade edípica, isolamento, intelectualização, características da Posição Esquizoparanoide.

Analisando os resultados, pode-se observar que, nas pranchas de um personagem (A1, B1 e C1), o ego tenta suportar as situações de solidão e utiliza defesas características da Posição Esquizoparanoide.

Nas pranchas de par (A2, B2 e C2), o ego tenta encontrar o objeto bom, mas não consegue manter uma relação com esse objeto (C2), mesmo como o ego esforçando-se para manter uma relação adequada com o objeto bom, em alguns momentos falha.

Nas lâminas de três personagens (C3, B3 e A3), percebeu-se que Elaine não sustenta uma relação triangular (C3 e B3), pois, teme pelo que pode acontecer, em especial, quando envolve o objeto mau.

Nas lâminas de grupo (AG, CG e BG), verificou-se que Elaine não se vê em uma relação grupal, possivelmente por temer situações angustiantes e que lhe acarretam sofrimento, diante dessa dinâmica, prefere evitar o contato com maior número de pessoas, em especial com os objetos maus que podem lhe causar algum tipo de ameaça.

Através desse estudo de caso, foi possível perceber que, no TRO, Elaine, apresentou dificuldades quando deparou com o conteúdo da realidade, não conseguindo ter uma percepção adequada, provavelmente pela situação atual na qual se encontra, por estar com

Depressão e Síndrome do Pânico. Devido ao seu estado, encontrou-se insegura, com medo, ansiosa, por temer pelo encontro com o objeto mau. Seu desejo está voltado em se livrar dessa situação na qual se encontra impotente, para poder dar seguimento em sua vida, mas no momento, procurou se isolar, para evitar os ataques do objeto mau.

5.2 ANÁLISE CONJUNTA DOS CASOS

De acordo com a análise de cada um dos casos acima apresentados neste trabalho, foi possível identificar que as mulheres em situação de violência doméstica apresentam medos e desejos em comum, dentre eles, é possível descrever que não suportam a realidade, da mesma forma que encontram dificuldade diante de situações de exclusão e solidão, angústia e medo. Mesmo assim, as análises dos casos nos permitiram observar que essas mulheres procuram suportar o sofrimento imposto pelos estímulos desencadeados pelas pranchas, no caso do TRO, pois, nessas situações, se deparam com representações simbólicas do objeto mau e, a partir disso, buscam proteção e amparo.

As mulheres analisadas neste estudo, diante da tentativa de encontrarem o objeto ideal, recorrem à idealização, a partir da qual procuram projetar o impulso de vida para o objeto amado, esperando que o objeto idealizado, no caso, o companheiro, supra suas necessidades de maneira irrestrita. Entretanto, nessa dinâmica psíquica, essas mulheres acabam percebendo que o objeto idealizado não corresponde aos seus desejos, ao contrário, o objeto amado lhes oferece respostas inesperadas, como explica (Segal, 1964/1973), as experiências boas ou más não são advindas de um objeto bom ou mau, mas daquele objeto que tem algo de bom e de mau para oferecer. Sendo assim, identifica-se que há uma divisão do objeto e do eu.

Diante da dinâmica entre homem e mulher, o fato do homem não corresponder ao desejo de sua mulher, é resultado de uma distinção dos papéis desempenhados entre os sexos, imposta pela sociedade ao longo dos anos e que atingiu fortemente a relação do casal (Cabral & Diaz, 1998).

A partir dessas diferenças entre os gêneros que acompanha várias gerações, enfatizando o sentimento de que a mulher é inferior ao homem e que ele sabe o que é melhor

para ela, a violência ganha espaço (Cabral & Diaz, 1998), como foi possível verificar na análise dos dados discutidos de cada uma das participantes desta pesquisa.

Diante da vivência com o seu parceiro, a mulher deseja estar próxima do objeto ideal, sendo que sua intenção é mantê-lo afastado do objeto perseguidor. Se não consegue suportar a perseguição, ela é negada. Se a negação ocorre, esta toma como base a fantasia de aniquilação dos perseguidores. Assim sendo, a negação onipotente pode ser usada contra a perseguição e a idealização do objeto perseguidor ser tratada como objeto pseudo-ideal (Segal, 1975).

Os objetos parciais são vistos como ameaçadores ou fornecedores de gratificação ilimitada. Essa análise permite recorrer à reflexão de que “o ego procura manter os objetos bons afastados dos maus, os reais afastados dos fantásticos. O resultado é uma ideia de objetos extremamente maus e outros extremamente perfeitos” (Klein, 1935/1996, p. 310).

Devido à ansiedade de aniquilação, o ego encontra alguns mecanismos de defesa, como a introjeção e projeção. Assim, o ego procura introjetar o objeto bom e projetar o objeto mau em situações de angústia, a divisão é ampliada e a projeção e introjeção são usadas para manter os objetos perseguidores e ideais distantes dos outros, desde que mantidos seu controle. Os perseguidores podem ser expelidos, ocasionando sentimentos de ameaça no exterior ou produzir sentimentos de natureza hipocondríaca (Segal, 1964/ 1973). Um exemplo que pode ser citado refere-se ao caso 3: Elaine, que separou do marido, devido à violência que sofria e, mesmo estando separada, ainda continua recebendo ameaças de morte, não consegue trabalhar, porque se arruma um emprego o marido vai até o lugar onde está trabalhando para ameaçá-la, além de impedi-la de construir outro relacionamento, ameaça, inclusive, seu possível novo parceiro.

No Sistema Tensional Inconsciente Dominante dessas mulheres, percebeu-se que os pontos em comum se referem ao fato de não suportarem a realidade, mas procuram suportar o

sofrimento imposto pelas pranchas, além de situações de angústia e temem por serem violentadas pelos objetos maus. Para Silva (2006), os objetos maus são expelidos pela ansiedade e medo de retaliação que são causados. No caso das participantes analisadas neste estudo, identifica-se uma extrema cisão entre o objeto bom e mau, aniquilando o impulso destrutivo, através de sentimentos de onipotência em relação ao objeto bom (Silva, 2006).

Além da utilização do TRO, outro instrumento que ofereceu suporte para compreender essas mulheres, foi a Escala Beck (Depressão), que permitiu verificar em que nível essas mulheres estão, de acordo com seu escore. Segundo a classificação da Escala Beck (Depressão), no caso 1 (Joana), encontra-se no nível leve, com escore de 16 de depressão; no caso 2 (Maria), está no nível moderado, com escore de 26 e no caso 3 (Elaine), a entrevistada está no nível grave, com escore de 39. Pode-se perceber, através da Escala Beck, que apesar de passarem pela mesma situação de terem sido violentadas pelos seus parceiros, para cada uma das mulheres a violência teve repercussão diferente em suas vidas, afetando em especial a questão psicológica em maior ou menor grau, como se pode perceber através da Escala Beck e os escores de cada participante.

Deste modo, os resultados nos permitem pensar que nos casos 1 (Joana) e 2 (Maria), essas mulheres, conseguiram romper o ciclo da violência, distanciando-se do objeto mau, conseguiram refazer suas vidas, dando um outro sentido, como Joana, que comprou uma casa para morar com os filhos e Maria, que encontrou o objeto bom, no caso, seu namorado. Já o caso 3 (Elaine), apresenta dificuldades de sair da situação, pelo fato do objeto mau ser perseguidor, por tecer ameaças de morte contra ela, por não conseguir retomar sua vida normalmente. Ela tem o desejo de retomar sua vida, mas o objeto mau inviabiliza, fazendo-a sofrer.

Dado o exposto, na perspectiva de dar um feedback a cada uma dessas mulheres, cabe dizer que Joana (Caso 1), encontrou um meio de sair dessa situação, e que, mesmo

vítima de violência doméstica, tendo seu marido como agressor, isso não a impediu de reconstruir sua vida, apesar de temer passar por dificuldades financeiras, por não ter o marido para ajudar nas despesas da casa, por medo dos filhos ficarem com raiva dela (o que não aconteceu, seus filhos apoiam sua decisão), devido a atitude que tomou em separar do marido. Apesar de ter consciência de todas as repercussões que a separação poderia ter em sua vida, ela sustentou sua vontade em separar do marido.

No caso 2 (Maria), a mulher conseguiu rever toda a sua história com seu ex-marido, que era seu agressor e conseguiu identificar pontos em que falhou seja com ela, ou com sua família. Além disso, conseguiu encontrar outra pessoa, dando outro sentido para o seu relacionamento.

No caso 3 (Elaine), a mulher necessita de um tratamento psicológico e psiquiátrico, por estar com Síndrome do Pânico e Depressão, precisa encontrar alguma alternativa que não seja o sofrimento, mas que possa dar conta de que precisa sair desse lugar de sofrer ameaças de morte do ex-marido, de poder ter seu próprio emprego, cuidar dos filhos, sair de casa, construir amizades com outras pessoas e, quem sabe, encontrar alguém que possa ser seu companheiro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi descrever e analisar a estrutura e a dinâmica psíquica de mulheres em situação de violência doméstica; bem como, caracterizar aspectos sociodemográficos e da história pregressa das participantes. Pôde-se perceber que as participantes deste estudo apresentaram ego fragilizado, superego permissivo com predomínio de características da Posição Esquizoparanoide e Depressiva, o que pode denotar certa dependência do objeto bom a fim de evitar o encontro com o objeto mau e a solidão. Para as mulheres vítimas de violência doméstica, o objeto mau consiste nas agressões sofridas por parte do agressor, aquele que de alguma forma causa algum prejuízo seja físico, moral, psicológico sexual para a mulher. Já o objeto bom, diz respeito ao homem que procura tratar sua mulher de forma respeitosa, que não agride a mulher, deixando-a exercer suas decisões e direitos, não existindo relação de poder.

As mulheres participantes apresentaram dificuldades em lidar com a angústia, sendo que o funcionamento psíquico caracterizou-se entre as posições Esquizoparanoide e Depressiva, pois, utilizaram-se do isolamento e da negação como mecanismos de defesa para tentar lidar com o sofrimento psíquico, em especial em situações que as remetiam ao encontro com vários objetos, principalmente com o objeto mau.

Durante o estudo sobre a questão da violência e sobre a forma como essas mulheres lidam com a situação de serem violentadas, os resultados obtidos por meio do Teste das Relações Objetais (TRO), nos permitiu observar que a separação do objeto mau remete as mulheres ao sofrimento, à culpa e ao medo. Devido ao sentimento de medo, essas mulheres, tentam suportar a situação, correspondendo aos desejos do objeto odiado, aceitando inclusive ameaças de morte. A manutenção da violência ocorre, porque muitas mulheres não conseguem sair do ciclo de violência, seja por amor ao objeto odiado, por dependência ou por

não perceberem alternativas outras que não a violência. Com relação à Escala Beck (Depressão), foi permitido observar, que cada mulher vivencia os sentimentos da violência de uma forma diferente, devido aos escores obtidos por cada uma delas, e que o fato de sofrerem com a violência de seus parceiros, não implica que os danos causados pela violência tiveram a mesma proporção para todas as mulheres.

Pode-se compreender, por meio desta pesquisa, que a violência ocorreu na classe média baixa, e que seus subtipos afetam a mulher em seus aspectos físicos e psicológicos, podendo trazer consequências irreversíveis. Através da história de vida das participantes, pareceu evidente que, os ambientes nos quais se desenvolveram mostraram-se pouco favoráveis e que perduraram até o presente momento, enfatizando que as relações da infância têm um importante papel na constituição das relações futuras na vida destas mulheres.

Diante dessas considerações, a necessidade de novas pesquisas nessa área se apresenta como fundamental. O que se espera é que os resultados obtidos e apresentados neste presente trabalho possam contribuir para a formação de profissionais mais preparados para lidar com a violência e que os espaços públicos de atendimento a essas mulheres possam ofertar-lhes maior apoio e segurança, condições imprescindíveis para o percurso de seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- Affonso, S. A. B. (2008). Estados emocionais e os modelos organizadores do pensamento: um estudo sobre violência de gênero. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, SP, Campinas.
- Alves, I. M. H., Amorim, C. N. V., & Ribeiro, Y. L. (2018, 01 12). Mulheres em situação de violência doméstica: dificuldades para promoção de um atendimento de qualidade. *Âmbito Jurídico*. Recuperado de http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10536&revista_caderno=24
- Aquotti, F. M. V., & Ferreira, O. K. R.. (2009, dezembro 09). Crime passional: quando o ciúme mancha a paixão de sangue. Recuperado em 09 novembro, 2017, de <http://www.adpesp.org.br/artigos-exibir?art=126>
- Argimon, I. I. L., & Manfredini, V. (2010, junho). O uso de testes psicológicos: a importância da formação profissional. *Revista Grifos*, 19(28), 133-146.
- Atadia, S. A., Cabral, M. A. A., & Centaville, M. (1997, março). Incidência e tipos mais frequentes de castigos aplicados pelos pais ou responsáveis de escolares na cidade de Campinas, SP. *SciELO*, 33(3), 99-105.
- Baldo, L., Biffi, G., João, M., & Leôncio, L. (2008). O perfil de mulheres vitimizadas e de seus agressores. *Revista de Enfermagem*, 16(3), 307-312.
- Bassols, S. A. M., Elzirik, L. C., Gastaud, B. M., & Goi, J. (2013). *O ciclo da vida humana*. São Paulo: Artmed.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beck, A. T., Rush, A. J., Shaw, B. F., & Emery, G. (1979). *Cognitive therapy of depression*. New York: Guilford Press.
- Beck, A. T., & Steer, R. A. (1993). *Beck depression inventory: manual*. San Antonio, TX: Psychological Corporation
- Bion, W. R. (1988). Diferenciação entre personalidade psicótica e a personalidade não psicótica. In: *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Obra original publicada em 1967).
- Bleger, J. (1977). *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Bleger, J. (1985). *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Bleger, J. (2003). *Temas de Psicologia – entrevista e grupos*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- Boing, F., Coelho, B., & Oliveira, F. (2009). A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Revista Saúde e Sociedade*, 18(2), 1-11.

Borges, R. V., Sá, D. S., & Werlang, G. B. S. (2009). *Violência doméstica contra a mulher e a Lei Maria da Penha*. São Paulo: Vetor.

Brasil. Brasília, DF: Flacso Brasil.

Cabral, B. W. (2008). *Depressão em mulheres vítimas de violência doméstica*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BH, Brasil.

Cabral, F., Diaz, M. (1999). *Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar*. BH. Rona LTDA.

Coimbra, C. M. B. (1995). *Guardiães da ordem. Uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “milagre”*. Rio de Janeiro: Oficina do autor.

Coimbra, C. M. B. (2002). *Violência do estado e violência “doméstica”: o que têm em comum?* In: Rauter, C., Passos, E., & Benevides, R. (Orgs.) *Clínica e política-subjetividade e violação dos Direitos Humanos*. (pp. 77-88). Rio de Janeiro: Te Corá.

Compromisso e Atitude: Lei Maria da Penha (n.d.). *Dados e estatísticas sobre violência contra as mulheres*. Recuperado em 15 dezembro, 2016, de <http://www.compromissoeatitude.org.br/dados-e-estatisticas-sobre-violencia-contra-as-mulheres/>

Compromisso e Atitude: Lei Maria da Penha (n.d.). *Rede de atendimento a mulheres em situação de violência*. Recuperado de <http://www.compromissoeatitude.org.br/rede-de-atendimento-as-mulheres-em-situacao-de-violencia/>

Costa, G. M. L., Dell’Aglia, D. D., & Zucatti, N. A. P. (2010). *Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de Psicologia de uma delegacia para a mulher*. *Revista Estudos de Psicologia*, 28(2), 219-227.

Cunha, J. A. (2016). *Manual da versão em português das Escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Defensoria Pública de Minas Gerais. *Perguntas frequentes*. 2016. Disponível em; <https://www.defensoria.mg.def.br/servicos/perguntas-frequentes/>. Acesso em: 10 abril de 2018.

Diniz, N., & Gomes, N. (2008, fevereiro 26). *Homens desvelando as formas de violência conjugal*. *Revista Acta Paulista de Enfermagem*, 21(2), 263-267.

Dutra, E. (2004, maio). *Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade*. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 381-387.

Estado de São Paulo. (2016, março 07). *Brasil tem uma denúncia de violência contra a mulher a cada sete minutos*. O Estado de São Paulo. Recuperado de <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-1-denuncia-de-violencia-contra-a-mulher-a-cada-7-minutos,10000019981>.

Ferraz, R. M. I., Labronici, M. L., Madureira, B. A., Mantovani, F. M., Marcovicz, V. G., & Raimondo, M. L. (2014). *Perfil de homens autores de violência contra mulheres detidos*

- em flagrantes: contribuições para o enfrentamento. *Revista de Enfermagem*, 18(4), 600-606.
- Freud, S. (1969). Inibições, sintomas e angústia. In Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Frud (Vol. 20, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Obra publicada em 1926).
- Gomes, C. I., & Levy, L. (2011). Relações amorosas: rupturas e elaborações. *Revista Tempo Psicanalítico*, 43(1), 45-57.
- Gomes, R. M. (2012). Mulheres vítimas de violência doméstica e transtorno de estresse pós-traumático: um enfoque cognitivo comportamental. *Revista de Psicologia da IMED*, 4(2), 672-680.
- Hanada, H. (2007). Os psicólogos e a assistência a mulheres em situação de violência. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Heleno, M. G. V. (2000). Organizações patológicas e equilíbrio psíquico em pacientes diabéticos tipo II. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo SP, Brasil.
- Institucional: Data Senado. Violência doméstica e familiar contra a mulher – 2017. Aumenta o número de mulheres que declaram ter sofrido violência. (2017, junho 06). Recuperado de <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=aumenta-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017, Março 02). Violência contra a Mulher. Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/pesquisa/pesquisa_google.shtm?cx=009791019813784313549%3Aonz63jzsr68&cof=FORID%3A9&ie=ISO-8859-&q=violencia+domestica+contra+a+mulhe&sa=&siteurl=www.ibge.gov.br%2F&ref=.
- Junqueira, M. F. (1998). Abuso sexual da criança: contextualização. *Pediatria Moderna*, 24, 432-436.
- Kernbenrg, O. F. (1995). *Psicopatologia das relações amorosas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Khouri, J. N. (n.d.). Considerações sobre a violência de gênero e violência doméstica contra a mulher. Recuperado de <https://dp-mt.jusbrasil.com.br/noticias/3021506/artigo-consideracoes-sobre-a-violencia-de-genero-e-violencia-domestica-contra-a-mulher>
- Klein, M. (1982). Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional dos bebês. In: Rivière, J. (Org.). *Os progressos da psicanálise* (pp. 216-255). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Obra publicada em 1952).
- Klein, M. (1986). Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: Rivière, J. (Org.). *Os progressos da psicanálise* (3. ed., cap. 6, pp. 216-255). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Obra original publicada em 1952).
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In Klein, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (pp. 17-43). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1946).

- Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. Rio de Janeiro: Imago. (Obra publicada em 1935).
- Kronbauer, J. F. D., & Meneghel, S. N. (2005). Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Revista de Saúde Pública*, 39(5), 695-701. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000500001>
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006 (2006). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8o. do art. 226 da Constituição Federal, da convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e da convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher; dispõe sobre a criação dos juizados de violência doméstica e familiar contra a mulher, altera o código de processo penal, o código penal e a lei de execução penal; e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 24 janeiro, 2018, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Leite, F., & Lopes, P. (2013). Atendimento a homens autores de violência doméstica: desafios à política pública (p. 83). Rio de Janeiro, RJ: ISER.
- Lettiere, A. N., & Santi, N. (2010). Percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social. *Revista Texto e Contexto Enfermagem*, 19(3), 417-424.
- Lima, G. Q. (2010). História de vida e escolha conjugal em mulheres que sofrem violência doméstica. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Lima, Q., Wassermann, V., & Zancan, N. (2013). A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. *Revista Pensando Famílias*, 17(1), 63-76.
- Lino, L. T. (2009). A patologia do amor – da paixão à psicopatologia. Recuperado em 09 novembro, 2017, de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0146.pdf>.
- Maldonado, D. P. A., & Williams, L. C. A. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 353-362.
- Marinho, T. P. C., & Murta, S. G. (2009). A clínica ampliada e as políticas de assistência social: uma experiência com adolescentes no programa de atenção integral à família. *Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas*, 1(1), 58-72.
- Monteiro, S. C. F., & Souza, O. I. E. (2007). Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. *Revista Texto e Contexto*, 16(1), 26-31.
- Nardi, S. C. S. (2011). Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas (p. 7-13). Porto Alegre: Psico.
- Ocampo, S. M. L.; Arzeno, G. M. E., & Piccolo, G. E. (2017). O processo psicodiagnóstico e as Técnicas projetivas. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda.
- Oliveira, C. M. L., & Silva, L. L. E. (2015). Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(11), 3523-3532. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3523.pdf>
- Oliveira, L. E., & Rangel, A. C. M. F. R. B. (2010). Violência contra as mulheres: fatores precipitantes e perfil de vítimas e agressores. *Anais do Fazendo o Gênero: Diáspora, diversidades, deslocamentos* (pp. 1-11). São Carlos, SP, Brasil, o. Recuperado de http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277848018_ARQUIVO_fazendogenero_Celina_Elzira.pdf
- Oliveira, R. C., & Tomazetti, C. V. B. (2018). Os fenômenos ambiguidade, divalência e ambivalência na obra *O sócio de Dostoiévski*. Recuperado de https://eventos.fe.ufg.br/up/248/o/1.6.__3_.pdf
- Organização Mundial da Saúde. (2017). ONU alerta para os custos da violência contra as mulheres no mundo. Recuperado de <http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-alerta-para-os-custos-da-violencia-contra-as-mulheres-no-mundo/>
- Organização Mundial da Saúde. (2002). Relatório Mundial sobre violência e saúde. Genebra: OMS. Recuperado de <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>.
- Pacheco, A. C. (2015). Estrutura e dinâmica do funcionamento psíquico de mulheres envolvidas em violência conjugal reiterada. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, Brasil.
- Pesquisa IBOPE, & Instituto Patrícia Galvão (2009, fevereiro). Percepções e reações da sociedade sobre a violência contra a mulher. Recuperado de http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2009/08/pesq_ibope_2006.pdf
- Phillipson, P. (2012). *Test de relaciones objetales* (2. ed.). Buenos Aires: Paidós.
- Pimentel, S. (2002). Perspectivas jurídicas da família: o novo código civil e violência familiar. *Revista Quadrimestral de Serviço Social*, 23(71), 26-44. Recuperado de <http://geodados.pg.utfpr.edu.br/busca/detalhe.php?id=41030>
- Portal Imprensa. (2010). Conteúdo sexual na mídia influencia violência contra mulher, afirma pesquisa. Recuperado de http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/31584/conteudo+sexual+na+midi+a+influencia+violencia+contra+mulher+afirma+pesquisa Psicólogo.
- Rassial, J. J. (2003). Do amor que não seja semblante. *Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba*, 7(7), 68-98.

- Rosa, T. J. (1995). *Atualizações clínicas com o teste das relações objetais de Phillipson*. Santo André: Associação de Psicoterapia e Estudos Psicanalíticos.
- Sagin, M. B. (2008). *Violência doméstica observada e vivenciada por crianças e adolescentes no ambiente familiar*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Sani, A. (2008). Mulher e mãe no contexto de violência doméstica. *Ex aequo*, 18, 123-133.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.
- Silva, N. M. (2016). O conceito de objeto entre Freud, Melanie Klein, Bion e Winnicott. Recuperado em 09 novembro, 2017, de <http://marcosnunespsique.blogspot.com.br/>
- Silva, P. D. (2006). O inconsciente entendido à luz de Gilles Delleuze e Félix Guattari: intersecções entre a Psicanálise de Melanie Klein e a esquizoanálise. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, São Paulo, SP, Brasil.
- Silveira, G. C., & Werlang, B. S. G. (2018). Teste de relações objetais: normatização e estudos de fidedignidade e validade. (n.d.). Recuperado de <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/SIC/XIV/XIV/523.pdf>
- Simon, R. (1986). *Introdução à psicanálise: Melanie Klein*. In RAPPAPORT, C.G. (Org.). *Temas básicos de Psicologia* (v. 17). São Paulo: EPU.
- Strey, M. N., Werba, G. C. (2012). Longe dos olhos, longe do coração: ainda a invisibilidade da violência contra a mulher. In GROSSI, P. K. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber* (pp. 73-82). Porto Alegre: Edipucrs.
- Vasconcellos, F. (2017, março 07). Denúncias de violência doméstica e familiar contra a mulher crescem 133%. *O Globo*. Recuperado de <http://blogs.oglobo.globo.com/na-base-dos-dados/post/denuncias-de-violencia-domestica-e-familiar-contramulher-crescem-133.html>.
- Waiselfisz, J. (2012). *Mapa da Violência 2012: atualização: homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília, DF: Flacso Brasil.
- Walker, L. (1989). Psychology and violence against women. *American Psychologist*, 44(4), 695-702.
- Zalberg, M. (2008). *Amor, paixão feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Zilberman, M. L., Blume, S. B. (2005). Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27(2), 51-55. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462005000600004>.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Descrição das Histórias do Teste das Relações Objetais

Caso 1: Joana**Lâmina A1 (1)**

Participante: Vê uma sombra. Um lugar muito sombrio. Eu me senti assim, mas agora não sinto mais. Tinha medo, pedi ajuda, que ia sentir assim, um vazio, por causa dos filhos. Agora não sinto mais. Pensava que se pedisse medida protetiva, a família dele ia ficar com raiva de mim.

Pesquisadora: Quando você se sentia assim?

Participante: Sentia assim, quando ele me ameaçava com palavra, que ia matar eu e meus filhos.

Pesquisadora: Que lugar “sombrio” é este?

Participante: Esse lugar era no fundo da casa da minha sogra, quando eu não tinha minha família perto, pois, minha família não ia lá.

Pesquisadora: Como se sente?

Participante: Um pouco culpada, porque só eu e meu filho mais velho estão trabalhando.

Título: Reagi.

Lâmina A2 (2)

Participante: Vejo só tristeza. Vazio.

Pesquisadora: Quem está nesse lugar?

Participante: Eu estou nesse lugar, com meus filhos.

Pesquisadora: O que vocês estão fazendo?

Participante: O filho mais velho fala comigo que o pai pede para eu tirar a medida protetiva.

Pesquisadora: Como se sentem?

Participante: Eu não quero tirar a medida protetiva. Meus filhos não querem que eu tire a medida protetiva. O filho mais velho sempre me mandava largar do pai.

Pesquisadora: Que lugar é este?

Participante: Lugar que ela morava nos fundos da casa da sogra.

Título: Superando tudo.

Lâmina C3 (3)

Participante: Um lugar vazio.

Pesquisadora: Que lugar é este?

Participante: Não sei se é um sofá, um quadro, bola vermelha, paisagens que não estou identificando.

Pesquisadora: Você conhece esse lugar?

Participante: Não é um lugar conhecido.

Pesquisadora: Esse lugar faz você lembrar algum lugar?

Participante: Não me faz lembrar nenhum lugar.

Pesquisadora: Você se vê nele?

Participante: Não me vejo nele.

Pesquisadora: Vê alguém nesse lugar?

Participante: Não vejo ninguém.

Título: Lugar vazio.

Lâmina B3 (4)

Participante: Três pessoas.

Pesquisadora: Quem são as três pessoas?

Participante: Minha mãe, meu irmão e eu.

Pesquisadora: O que vocês estão fazendo?

Participante: Porque agora eu falei o que estava passando para eles, não fiquei escondendo o que passava.

Pesquisadora: Como sua mãe e seu irmão reagiram diante do que você falou?

Participante: Eles me acolheram, ampararam. Confiança um no outro.

Pesquisadora: Como você se sentiu?

Participante: Senti paz na casa da mãe, compreensão e apoio.

Pesquisadora: Em que lugar vocês estão?

Participante: Estamos na casa da minha mãe.

Título: Amparada pela família.

Lâmina AG (5)

Participante: Caminhando junto, que as coisas estão resolvidas. O filho mais velho não está tão longe.

Pesquisadora: Onde vocês estão?

Participante: Saímos para passear.

Pesquisadora: Quem está passeando?

Participante: Eu com o filho mais velho e o mais novo.

Pesquisadora: Como se sentem?

Participante: Ficando felizes.

Título: Recomeçando.

Lâmina B1 (6)

Participante: A porta do quarto. Uma pessoa na porta, não sabe se está se saindo ou chegando.

Pesquisadora: Quem é essa pessoa?

Participante: Sou eu, saindo do quarto.

Pesquisadora: De quem é esse quarto?

Participante: É o meu quarto.

Pesquisadora: Você está chegando ou saindo do quarto?

Participante: Saindo do quarto.

Pesquisadora: Como se sente?

Participante: Agora estou dormindo tranquila. Antes dormia com medo, principalmente quando meu marido bebia. Sinto em paz.

Título: Paz, felicidade.

Lâmina CG (7)

Participante: Vejo confusão.

Pesquisadora: Entre quem você vê confusão?

Participante: Confusão entre eu, meu esposo e filhos.

Pesquisadora: Quando acontecia esse tipo de confusão?

Participante: Quando ia para aniversário.

Pesquisadora: Além da confusão, acontecia algo mais?

Participante: Desunião, briga.

Pesquisadora: Por que acontecia confusão quando você ia para aniversário?

Participante: Porque o marido começava a beber e implicar.

Pesquisadora: Como você se sente?

Participante: Com medo de acontecer coisa pior.

Pesquisadora: Onde vocês estavam?

Participante: Lugar deserto.

Pesquisadora: E o seu marido e os filhos, como estão?

Participante: Vejo o marido e os filhos entrando em luta corporal.

Pesquisadora: Por qual motivo?

Participante: Por causa da bebida o marido achava que as pessoas faziam pouco caso dele.

Título: Violência.

Lâmina A3 (8)

Participante: Vejo três pessoas. Duas pessoas juntas e uma separada.

Pesquisadora: Quem são as três pessoas?

Participante: Eu e meus filhos.

Pesquisadora: O que vocês estão fazendo?

Participante: Um está junto e o outro separado um está fazendo cobrança (o mais velho), o que está sozinho.

Pesquisadora: Que tipo de cobrança ele está fazendo?

Participante: Que agora ele vai ter que pagar tudo sozinho. Água, casa, luz, gás.

Pesquisadora: Em que lugar vocês estão?

Participante: Um lugar escuro.

Título: Cobrança.

Lâmina B2 (9)

Participante: Vejo seus dois filhos. Os dois filhos.

Pesquisadora: O que você vê além dos dois filhos?

Participante: Sendo mais um companheiro um do outro. Mais unidos.

Pesquisadora: Como eles se sentem?

Participante: Agora os filhos estão mais sossegados. Os dois estão sendo mais amigos, diálogo.

Pesquisadora: Onde eles estão?

Participante: Estão na praça. Onde o povo encontra para conversar.

Lâmina BG (10)

Participante: Vejo saindo e indo para a reunião, aniversário de família, sem medo de ter briga, confusão.

Pesquisadora: Quem está indo para reunião, aniversário?

Participante: Estou eu, com meus familiares e amigos.

Pesquisadora: Em que lugar vocês estão?

Participante: Estamos na igreja. Celebrando um casamento do sobrinho.

Pesquisadora: Como se sentem?

Participante: Sentem felizes.

Título: Felicidade.

Lâmina C2 (11)

Pesquisadora: Em que lugar vocês estão?

Participante: No quarto, na casa que morava nos fundos da casa da sogra.

Pesquisadora: Como se sentiam?

Participante: Sentia sem liberdade, quando morava no fundo da casa da sogra. Não ia ninguém na minha casa, se saía, tinha que dar explicação para a sogra, a sogra especulava aonde eu ia. Depois que o marido passou a beber, ninguém frequentava mais sua casa, pois o marido era chato.

Título: Prisão.

Lâmina C1 (12)

Participante: Uma casa vazia. Ninguém na casa.

Pesquisadora: Que casa é essa?

Participante: Identifico essa casa quando morava nos fundos da casa da sogra.

Pesquisadora: Como se sente?

Participante: Sinto sozinha. Os meninos ficavam para o quarto ou saiam.

Lâmina Branca (13)

Participante: Nascimento dos filhos. Muita alegria em ter os filhos. Foram filhos desejados.

Durante a gravidez dos filhos passava por aborrecimento.

Pesquisadora: Que tipo de aborrecimento você passou durante a gravidez dos seus filhos?

Participante: Quando estava grávida do filho mais velho, o marido misturou pinga com conhaque e começou a quebrar as coisas dentro da casa.

Derrubou a vasilha de nhoque, a irmã dele brincou com ele e ele achou ruim.

Quando estava grávida do filho mais novo foi briga na rua.

Pesquisadora: Qual o motivo da briga?

Participante: Por causa da bebida. Se as pessoas encostam-se a ele, ele achava ruim.

Participante: O marido teve momentos felizes com os filhos e os ruins.

Pesquisadora: Que tipo de momentos felizes o seu marido teve com os filhos?

Participante: Saía para passear com os filhos, jogava bola.

Pesquisadora: Quais os momentos ruins seu marido teve com os filhos?

Participante: Bebida, discussão. Ele não é uma pessoa ruim, o que atrapalha é a bebida.

Título: Altos e Baixos.

Caso 2: Maria**Lâmina A1 (1)**

Participante: Parece que estou vendo uma pessoa de costas, nesse sombreado, aparentemente não sei se tem uma pessoa de perfil do lado direito e do lado esquerdo tem uma pessoa, mas não sei a posição, se está sentado.

Pesquisadora: Quem é a pessoa?

Participante: Para mim é ninguém, uma pessoa desconhecida.

Pesquisadora: Essa pessoa te faz lembrar alguém? Quem?

Participante: Possa ser uma pessoa, um pai que não tive. Essa pessoa em pé.

Pesquisadora: Em que lugar essa pessoa está?

Participante: Não sei te falar.

Pesquisadora: Como essa pessoa se sente?

Participante: Aparentemente não vejo felicidade. Pessoas pensativas.

Título: Dúvida.

Lâmina A2 (2)

Participante: Aparentemente parece ser a sombra de um homem de uma mulher.

Pesquisadora: Que mais você vê além da sombra do homem e da mulher?

Participante: Não consigo enxergar mais nada. Os dois estão olhando para a mesma direção, não sei se tem um filho no colo, uma criança ou se estão olhando para o mesmo objeto.

Pesquisadora: Quem são as pessoas?

Participante: Não posso dizer, pode ser que seja eu com alguém, não sei te falar.

Pesquisadora: Como que essas pessoas se sentem?

Participante: Admirando, olhando alguma coisa.

Pesquisadora: Em que lugar estão?

Participante: Encostadas perto de uma árvore, porta com claridade sobre os dois.

Pesquisadora: Essas pessoas te fazem lembrar alguém?

Participante: Faz, a forma como olham. Imagino meus filhos.

Lâmina C3 (3)

Participante: Mais de uma pessoa nesse lugar, uma mulher sentada com pernas na posição tipo borboleta. Outra pessoa no canto esquerdo, em pé, erguendo a mão sobre algum lugar, objeto. Esse vermelho aqui em cima pode ser sangue, mancha, não sei.

Pesquisadora: Quem são essas pessoas?

Participante: Eu, meu ex- marido e a terceira pessoa que estou.

Pesquisadora: O que essas pessoas estão fazendo?

Participante: A mulher está olhando, não sei se a pessoa que está em pé ou na parede.

Pesquisadora: Como elas se sentem?

Participante: Pensativas.

Pesquisadora: Como é a relação dessas pessoas?

Participante: Não parece ser legal.

Pesquisadora: O que te dá essa impressão?

Participante: Posição que estão sentadas, pessoa que está no centro esquerdo, está desleixada, sentada de qualquer jeito, desgastadas com a situação.

Pesquisadora: Desgastadas como toda situação? Que situação é essa?

Participante: Conflito.

Pesquisadora: Esse lugar te faz lembrar algum lugar?

Participante: Não.

Título: Conflito.

Lâmina B3 (4)

Participante: Vejo que parece que tem uma porta em algum lugar, perto da porta, da claridade, tem duas pessoas, e na parede escura do lado tem mais pessoas, não sei dizer se é uma ou duas pessoas.

Pesquisadora: Que lugar é esse?

Participante: Não sei.

Pesquisadora: Faz você lembrar algum lugar?

Participante: Não.

Pesquisadora: Como é esse lugar?

Participante: Parece tem só paredes e porta.

Pesquisadora: Como essas pessoas se sentem?

Participante: Parece que bem.

Pesquisadora: Quem são essas pessoas?

Participante: Não sei te falar.

Título: Diálogo.

Lâmina AG (5)

Participante: Aparentemente parecem ser pessoas, grupo de pessoas.

Pesquisadora: Que mais além do grupo de pessoas, você vê?

Participante: Alguns estão sentados, outros em pé, na esquerda, não sei se é uma pessoa deitada ou se é alguma passagem de lateral, corredor, alguma coisa.

Pesquisadora: Que lugar é esse?

Participante: Algum local público, igreja, algo nesse sentido.

Pesquisadora: Esse lugar te faz lembrar algum lugar?

Participante: Sim, a igreja que frequentava, ou lugares que ia que tinha pessoas reunidas.

Pesquisadora: Como essas pessoas se sentem?

Participante: Algumas pensativas e outras em pé olhando.

Pesquisadora: Essas pessoas fazem você lembrar alguém?

Participante: Conhecidos.

Pesquisadora: Alguém especificamente?

Participante: Não.

Título: Reunião de pessoas.

Lâmina B1 (6)

Participante: Vejo um quarto, com uma porta aberta, uma pessoa de frente para a porta aberta, com certeza vai entrar no quarto, uma vai entrar no quarto, uma penteadeira, com espelho, uma cama com toalha aberta ou lençol jogado sob a beirada da cama. Não vejo mais nada. Tem a claridade da porta aberta, a luz entrando neste quarto.

Pesquisadora: Este quarto faz você lembrar-se de algum lugar?

Participante: Sim.

Pesquisadora: Qual?

Participante: Da minha casa, ex- casa.

Pesquisadora: De quem é esse quarto?

Participante: Poderia ser o dela, do casal.

Pesquisadora: Como era esse quarto?

Participante: Tinha um guarda- roupa de seis portas, uma cama king size, com uma cabeceira e um quadro em cima, uma cortina e janela lateral, uma TV e uma cômoda em frente à cama.

Pesquisadora: Como você se sentia nesse quarto?

Participante: Ultimamente não me sentia bem não.

Pesquisadora: Há quanto tempo não se sente bem nele?

Participante: Bastante tempo, anos.

Título: Escuridão.

Lâmina CG (7)

Participante: Parece que tem um corrimão, não sei se é grade, sombra, pessoa.

Pesquisadora: O que faz você lembrar?

Participante: Prisão.

Pesquisadora: Quem está na prisão?

Participante: Eu e meu ex- marido.

Pesquisadora: Por que vocês estão na prisão?

Participante: Por causa da irresponsabilidade, ambição.

Pesquisadora: Que tipo de irresponsabilidade e ambição?

Participante: De querer fazer as coisas materialmente. Não ter uma referência.

Pesquisadora: Onde é essa prisão?

Participante: Foi uma prisão física e também sentimentalmente.

Pesquisadora: A prisão física foi devido a quê?

Participante: Dinheiro, falta de coragem. A prisão sentimental foi mais da minha parte.

Pesquisadora: Por que aconteceu isso?

Participante: Das escolhas que tomamos na vida.

Pesquisadora: Como vocês se sentem?

Participante: Agoniados, angustiados.

Pesquisadora: Essa prisão te faz lembrar algum lugar?

Participante: Cadeia.

Título: Trevas.

Lâmina A3 (8)

Participante: Vejo três pessoas, duas juntas e uma separada.

Pesquisadora: Que mais você vê, além dessas pessoas?

Participante: Nada, não sei te falar, se é homem ou mulher.

Pesquisadora: Quem são essas pessoas?

Participante: Não sei te dizer.

Pesquisadora: Em que lugar estão?

Participante: Não sei falar, se pode ser grama, terra, não sei... Pode ser que tinha uma árvore do lado.

Pesquisadora: Como essas pessoas se sentem?

Participante: Pensativas.

Pesquisadora: O que elas estão pensando?

Participante: Não sei te dizer.

Título: Separação.

Lâmina B (2) 9

Participante: Vejo duas árvores, duas pessoas debaixo de uma delas, elas olhando, parece em direção a um prédio, apartamento.

Pesquisadora: Que mais você vê nesse lugar?

Participante: Mais nada.

Pesquisadora: Quem são as duas pessoas?

Participante: Possa ser eu feliz daqui para frente com outra pessoa, olhando em direção a um futuro diferente.

Pesquisadora: Quem é essa pessoa?

Participante: Uma pessoa que gosta de mim de verdade me respeita e tem objetivos em comum junto comigo.

Pesquisadora: Esse lugar te faz lembrar algum lugar?

Participante: Não.

Pesquisadora: Como se sentem essas pessoas?

Participante: Ainda enxergo que há uma luz, possibilidade de alcançar algum objetivo.

Pesquisadora: Que objetivo?

Participante: Sonhos, realizações.

Pesquisadora: No caso, de uma família, de uma casa, viagem.

Título: Esperança.

Lâmina BG (10)

Participante: Parece que tem uma porta, uma janela, de algum lugar público, com pessoas lá dentro e uma pessoa lá dentro do lugar público. Possa ser que seja uma igreja.

Pesquisadora: Quem são as pessoas?

Participante: Não sei te falar.

Pesquisadora: Como é esse lugar?

Participante: Parece ser um lugar claro, com muitas pessoas lá dentro.

Pesquisadora: Como as pessoas se sentem?

Participante: Bem.

Pesquisadora: Como assim, bem?

Participante: Parecem pessoas, estar ali alegres, felizes, unidas.

Título: Fé.

Lâmina C2 (11)

Participante: Vejo outro quarto com porta aberta e uma pessoa de frente para esse quarto.

Pesquisadora: Que quarto é esse?

Participante: Quarto dos filhos.

Pesquisadora: Como era esse quarto?

Participante: Grande, bonito.

Pesquisadora: O que mais?

Participante: Esperava que fosse mais alegre.

Pesquisadora: Por que não é alegre?

Participante: Porque não teve no caso, eu e meu ex- marido, não tivemos estrutura emocional, fazendo com que não conseguisse passar muita união para meus filhos.

Pesquisadora: Como essas pessoas se sentem?

Participante: Todo mundo insatisfeito.

Pesquisadora: Com o quê?

Participante: Com a situação.

Título: Vazio.

Lâmina C1 (12)

Participante: Vejo uma mesa, com cadeira, cama, cabeceira, uma jarra sobre essa mesa. Uma jarra com flor, aparentemente parece ter xícara sobre a mesa, ter roupa, sobre uma das cadeiras, junto com uma cortina. Não sei se de quina parece ter um ventilador e uma porta em frente à mesa.

Pesquisadora: Que lugar é esse?

Participante: Não sei te falar um lugar específico, mas um lugar que pode estar a família reunida.

Pesquisadora: Quem é essa família?

Participante: A minha.

Pesquisadora: Quem são essas pessoas?

Participante: Meus filhos, netos e a pessoa que eu estiver relacionando.

Pesquisadora: Como essas pessoas se sentem?

Participante: No momento não vejo felizes, queria que acontecesse.

Pesquisadora: O que esta família está fazendo?

Participante: Se alimentando.

Título: Família.

Lâmina Branca (13)

Participante: Minha mãe foi criada pelo meu avô. Minha mãe engravidou de novo quando eu tinha cinco meses. Meu avô não aceitou a gravidez da minha mãe. Minha mãe teve que dar a minha irmã que eu tinha e quem me ajudou a me criar foi o meu avô, não tive pai, fui criada do lado da casa dos meus avós, não tive reconhecimento da família paterna, depois da morte do meu avô, que morreu quando eu tinha dez anos. Depois que a minha mãe deu minha irmã, começou a beber e depois com a morte do meu avô, minha mãe se entregou ao vício da bebida e morreu aos quarenta e nove anos.

Pesquisadora: Por que seu avô não aceitou a gravidez de sua mãe?

Participante: Minha mãe foi sem juízo, já tinha me arrumado, meu avô me aceitou. Minha mãe engravidou de outra pessoa e meu avô não aceitou. Meu pai não era boa pessoa.

Pesquisadora: Por que seu pai não era boa pessoa?

Participante: Ele usava droga e minha mãe usou com ele. Meu pai não me reconheceu. Não me deu nada. Vi meu pai muito novinha, vi apenas duas vezes.

Pesquisadora: Como você se sentiu?

Participante: Tive uma infância, tinha um carinho enorme pelo meu avô.

Título: Lembranças.

Caso 3: Eliane**Lâmina A1 (1)**

Participante: Vejo duas pessoas, aparentemente homens, um deitado e o outro em pé. Aparentemente olhando uma paisagem, pensando.

Pesquisadora: O que o homem está pensando?

Participante: Na vida dele, refletindo o momento.

Pesquisadora: Quem são os dois homens?

Participante: Eu, quando eu fico parada, pensando, refletindo.

Pesquisadora: Como eles se sentem?

Participante: Angustiadados, pensativos.

Pesquisadora: Em que lugar?

Participante: Tipo no alto, numa pedra.

Título: Reflexão.

Lâmina A2 (2)

Participante: Aparentemente um casal, juntos. Não sei, como se tivessem compartilhando algo juntos. Parece um álbum de casamento, quando os dois tiram fotos juntos.

Pesquisadora: Quem é esse casal?

Participante: Não sei te dizer.

Pesquisadora: Esse casal faz você lembrar alguém?

Participante: Alguém que tem essa mesma convivência.

Pesquisadora: Que tipo de convivência?

Participante: Parece ser muito boa, próximos um do outro, de mãos dadas.

Pesquisadora: Como se sentem?

Participante: Felizes.

Pesquisadora: Em que lugar?

Participante: Numa praça, jardim.

Título: Companheirismo.

Lâmina C3 (3)

Participante: Este tá difícil... Parece uma mulher sentada num sofá, um homem em pé. Parece que tem alguém na cama sentado. Não sei te dizer se é homem ou mulher.

Pesquisadora: Quem são?

Participante: Não sei. Não gostei disso aqui. Não me parece algo bom. Me faz lembrar a minha história.

Pesquisadora: Em que lugar?

Participante: Aparentemente num quarto.

Pesquisadora: Como se sentem?

Participante: Parece que ele está fazendo algo que o meu ex fazia.

Pesquisadora: O que ele faz?

Participante: Amedrontando, ameaçando.

Título: Medo.

Lâmina B3 (4)

Participante: Quase parecido com um homem e uma mulher em pé, num canto, num quarto ou sala. Os dois estão juntos.

Pesquisadora: Quem são eles?

Participante: Um casal.

Pesquisadora: Você se lembra de alguém?

Participante: Meu irmão, minha cunhada.

Pesquisadora: O que eles estão fazendo?

Participante: Abraçados, olhando um para o outro.

Pesquisadora: Como se sentem?

Participante: Bem, em paz.

Pesquisadora: Como é a relação?

Participante: Aparentemente bem.

Título: União.

Lâmina AG (5)

Participante: Não vejo nada. Parecendo uma areia, mar.

Pesquisadora: Que lugar é esse?

Participante: Não sei.

Pesquisadora: Tem alguém nesse lugar?

Participante: Não vejo.

Título: Solidão.

Lâmina B1 (6)

Participante: Vejo alguém entrando num quarto, aparentemente um homem, um lugar escuro.

Como se estivesse entrando para fazer algo, a porta meio aberta, entrando devagarzinho.

Pesquisadora: Quem é esse homem?

Participante: O ex meu.

Pesquisadora: Onde ele está?

Participante: Antes da porta.

Pesquisadora: Como ele se sente?

Participante: Não sei te dizer.

Pesquisadora: Em que lugar?

Participante: Entrando no quarto.

Pesquisadora: Que lugar é esse?

Participante: Uma casa.

Título: Suspense.

Lâmina CG (7)

Participante: Vejo quatro pessoas.

Pesquisadora: Que mais você vê?

Participante: Três pessoas estão brigando e uma do lado de fora tentando fazer algo.

Pesquisadora: Quem são essas pessoas?

Participante: Não sei.

Pesquisadora: Em que lugar estão?

Participante: Na rua.

Pesquisadora: Como se sentem?

Participante: Nervosos.

Pesquisadora: Qual é o motivo da briga?

Participante: Não sei.

Título: Discussão, briga.

Lâmina A3 (8)

Participante: Vejo três pessoas. Duas olhando para uma.

Pesquisadora: O que mais você vê?

Participante: Um pai e uma mãe ficam olhando para o filho, chamando a atenção ou ensinando alguma coisa.

Pesquisadora: Em que lugar estão?

Participante: Em casa.

Pesquisadora: Como se sentem?

Participante: Os pais estão preocupados.

Pesquisadora: Preocupados com o quê?

Participante: Com a educação, algo que o filho faz.

Título: Respeito.

Lâmina B2 (9)

Participante: Um casal debaixo da árvore, na praça.

Pesquisadora: Quem é o casal?

Participante: Meu tio e minha tia.

Pesquisadora: O que eles estão fazendo?

Participante: Escondendo da chuva.

Pesquisadora: Como se sentem?

Participante: Protegidos, debaixo da árvore.

Título: Segurança.

Lâmina BG (10)

Participante: Vejo cinco crianças juntas num grupo e uma solitária.

Pesquisadora: Quem são essas crianças?

Participante: Os cinco são alunos da escola. E o outro, vejo meu filho, excluído, sozinho.

Pesquisadora: Por que você vê alguns juntos e o outro sozinho?

Participante: É que ele já me contou que os colegas falam para ele não chegar perto, e ele fica sozinho no recreio.

Pesquisadora: Tem algum motivo?

Participante: Que eu saiba não. Meu filho não leva lanche, e os outros levam. O motivo é um simples lanche.

Pesquisadora: Como se sentem?

Participante: Cada um sente uma coisa. Meu filho, imagino que desprezado pelos colegas.

Título: Respeito.

Lâmina C2 (11)

Participante: Vejo uma pessoa, no quarto, sozinha. Tipo, essa pessoa olha em volta e não vê ninguém, somente ela.

Pesquisadora: O que mais você vê nesse lugar?

Participante: Só tem o quarto, a cama e a pessoa. Mais ninguém.

Pesquisadora: Como se sente?

Participante: Triste.

Pesquisadora: Quem é essa pessoa?

Participante: Eu.

Título: Solidão.

Lâmina C1 (12)

Participante: Vejo ninguém. Vejo uma casa vazia, na cozinha, com uma jarra, copos em cima.

Não tem ninguém, casa vazia. Alguém saiu correndo e deixou ali.

Pesquisadora: Como é essa casa?

Participante: Simples.

Pesquisadora: Como assim, simples?

Participante: Não tem luxo, não tem muita coisa.

Pesquisadora: De quem é essa casa?

Participante: Pode ser a minha.

Título: Casa vazia.

Lâmina Branca (13)

Participante: As ameaças eram psicológicas, dizendo coisas ruins de mim. Isso entrou na minha cabeça.

Pesquisadora: Que tipo de ameaça?

Participante: Os nomes horríveis, vadia, vagabunda.

Título: A minha vida.

ANEXOS

ANEXO A
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº466/2012)

Convidamos você para participar da pesquisa “Dinâmica Psíquica de mulheres em situação de violência doméstica”, que tem como objetivo conhecer como você pensa, sente e reage as situações do dia a dia. .

Para compreender como você pensa, sente e reage, ou seja, como é o funcionamento da sua mente e sua situação socioeconômica utilizaremos alguns instrumentos. 1) Um Questionário Sócio-Demográfico e um Roteiro de entrevista, eles servirão para conhecer a sua vida no que se refere ao seu padrão econômico, social, escolaridade e situação específica na qual ocorreu a situação de violência; Escala de Beck (Depressão), nela você responderá sobre questões de como você se sente nos últimos 7 dias, e o Teste das Relações Objetivas (descrever).

A coleta de dados da pesquisa realizar-se-á em uma sala da Defensoria Pública e seus dados serão resguardados e não identificados e solicitamos sua autorização para registrar as entrevistas e o inquérito dos testes psicológicos para posterior transcrição.

A sua participação nesta pesquisa poderá trazer algum desconforto, mas não riscos para sua saúde, mas no caso de desconforto emocional, em função das perguntas, você poderá imediatamente interromper sua participação nesse estudo.

Caso aceite participar da pesquisa, poderá ter acesso, quando solicitado ao Registro de Consentimento.

Dessa forma, o TCLE será entregue em duas vias, uma ficando sob-responsabilidade do (a) pesquisador (a) e a outra via com a participante.

Quanto aos benefícios, espera-se que os resultados possam trazer contribuição para o desenvolvimento do conhecimento científico, bem como ações de prevenção e promoção da saúde de mulheres envolvidas em violência doméstica.

Caso você tenha qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, você poderá a qualquer momento solicitar esclarecimentos à pesquisadora sobre qualquer um dos itens descritos acima. Você, também, tem assegurado o direito de recusar-se a participar desta pesquisa ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhuma penalização.

Você tem a garantia de que os dados deste estudo serão publicados somente para fins acadêmicos e científicos e que será mantido o sigilo sobre sua identidade.

No caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, você terá o direito de solicitar indenização. Cabe lembrar que esta pesquisa segue as normas aprovadas pela Resolução 466/12, para pesquisas com seres humanos.

Sua participação nesta pesquisa não lhe acarretará quaisquer custos, despesas ou ônus de nenhuma natureza. Também, não haverá quaisquer formas de ganhos, ressarcimentos e indenizações.

Este estudo é de responsabilidade da pesquisadora Mayara de Paula Lajara, telefone (35) 999924901, aluna do programa de Mestrado no curso de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação da Prof. Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia, Docente do Programa de Psicologia da Saúde. Em caso de dúvida a respeito deste estudo, você poderá, também, entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde - Universidade Metodista de São Paulo - Campus Planalto na Av. Dom Jaime de Barros Câmara, 3º andar, São Bernardo do Campo, SP, CEP 09895-400, telefone (11) 4366-5351, e-mail: mayaralajara@hotmail.com.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo – Campus Rudge Ramos, localizado na Rua do Sacramento, n.230, Ed. Capa – São Bernardo do Campo – SP, CEP: 09640-000 telefone (11) 4366-5814.

Tendo em vista o estabelecido acima _____, declaro que consinto de minha livre e espontânea vontade, em participar desta pesquisa.

São Bernardo do Campo, _____ de _____ de 2017.

Assinatura da participante da pesquisa

Mayara Lajara (CRP 04/38669)

ANEXO B

Roteiro do Questionário Sociodemográfico

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Dados de identificação

Nome:

Endereço:

Telefone:

Recado: _____

E-mail:

Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____ Gênero: () Feminino

() Masculino

Estado Civil: () Solteiro () Casado () Convivente () Separado/Divorciado

() Viúvo

Primeira União? () Sim () Não Quantas? _____

Tempo de convivência com atual parceiro:

Descrever:

Número de

filhos: _____ Todos da mesma união? _____

Trabalha? () Sim () Não Ocupação: _____

Ocupação do companheiro:

Naturalidade: () Região Norte () Região () Região Centro-Oeste

() Região Sudeste () Região Sul

() Estrangeiro: _____ Motivo da Mudança: _____

Escolaridade: () Ensino Fundamental Completo () Ensino Fundamental

Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino Médio Incompleto

Ensino Superior Completo

Ensino Superior Incompleto

Analfabeto Porque parou de estudar? _____

Encaminhado por: Delegacia Serviço Social Assistência Social Outros

SISTEMA DE PONTOS	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Posse de itens					
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	1	2	3	4
Automóvel	0	1	2	3	4
Empregada mensalista	0	1	2	3	4
Máquina de lavar	0	1	2	3	4
Videocassete e/ou DVD	0	1	2	3	4
Geladeira	0	1	2	3	4
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	1	2	3	4

Grau de Instrução do chefe de família	
Analfabeto / Fundamental 1 Incompleto	0
Fundamental 1 Completo / Fundamental 2 Incompleto	1
Fundamental 2 Completo / Médio Incompleto	2
Médio Completo / Superior Incompleto	4
Superior Completo	5

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL	
A1 42 – 46	C1 18 – 22
A2 35 – 41	C2 14 – 17
B1 29 – 34	D 8 – 13
B2 23 – 28	E 0 – 7

Moradia

Quantas pessoas vivem na mesma casa e quem são?

Casa: () Própria () Alugada () Cedida, Por quem?

As pessoas dormem em quartos separados? Por quê?

ANEXO C

Roteiro de Entrevista

Dinâmica atual (motivo pelo qual veio ao atendimento):

Há quanto tempo vive nesta situação:

Dados da história de vida anterior (família de origem: investigar história de agressão, como era composta, relacionamento):

O que você espera do atendimento?

ANEXO D

Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

Continuação do Parecer: 2.439.611

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta todos

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após leitura e análise do projeto e exame criterioso de todos os itens que compõem os documentos do Protocolo de Pesquisa, incluindo os itens presentes no Roteiro de Checagem para o parecerista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido nada foi constatado no processo que fira os princípios e normas da ética em pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP-UMESP considera o projeto de pesquisa APROVADO, lembrando que a condição de aprovação da pesquisa propriamente dita exige o que segue:

- Que sejam encaminhados ao CEP-UMESP relatórios anuais sobre o andamento da pesquisa (parciais e finais);
- Que sejam notificados ao CEP-UMESP eventos adversos que tenham ocorrido no curso da pesquisa e que sejam significativos do ponto de vista ético e metodológico;
- Que sejam notificadas eventuais emendas e modificações no protocolo de pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_971152.pdf	07/11/2017 18:07:24		Aceito
Outros	Formulario.pdf	07/11/2017 18:06:44	MAYARA DE PAULA LAJARA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	MayaraProjetoCorreto.pdf	07/11/2017 18:00:58	MAYARA DE PAULA LAJARA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto1.pdf	01/11/2017 16:19:28	MAYARA DE PAULA LAJARA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreeEsclarecidoRevisado.pdf	01/11/2017 16:07:48	MAYARA DE PAULA LAJARA	Aceito
Declaração de Instituição e	DeclaracaoInstituicaoDefensoria.pdf	01/11/2017 16:04:40	MAYARA DE PAULA LAJARA	Aceito

Endereço: DO SACRAMENTO, 230

Bairro: RUDGE RAMOS

CEP: 09.640-000

UF: SP

Município: SAO BERNARDO DO CAMPO

Telefone: (11)4366-5814

E-mail: cometica@metodista.br

UNIVERSIDADE METODISTA
DE SÃO PAULO - UMESP



Continuação do Parecer: 2.439.611

Infraestrutura	DeclaracaoInstituicaoDefensoria.pdf	01/11/2017 16:04:40	MAYARA DE PAULA LAJARA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	10/08/2017 16:47:14	MAYARA DE PAULA LAJARA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaodoPesquisador.pdf	10/08/2017 15:19:31	MAYARA DE PAULA LAJARA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO BERNARDO DO CAMPO, 14 de Dezembro de 2017

Assinado por:

Dario Paulo Barrera Rivera
(Coordenador)

Endereço: DO SACRAMENTO, 230

Bairro: RUDGE RAMOS

CEP: 09.640-000

UF: SP

Município: SAO BERNARDO DO CAMPO

Telefone: (11)4366-5814

E-mail: cometica@metodista.br